



O
HORROR
EM
RED
HOOK

H. P. LOVECRAFT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

H. P. LOVECRAFT

O horror em Red Hook

E OUTRAS HISTÓRIAS

TRADUÇÃO DE Jorge Ritter

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

O HORROR EM RED HOOK

Existem tantos sacramentos do mal como do bem ao nosso redor, e vivemos e nos movemos, a meu ver, num mundo desconhecido, um lugar onde existem cavernas e sombras e habitantes na penumbra. É possível que o homem às vezes possa voltar atrás no caminho da evolução, e acredito que um conhecimento terrível ainda não está morto.

– Arthur Machen

I

Há poucas semanas, numa esquina do vilarejo de Pascoag, Rhode Island, um pedestre alto, de complexão sólida e boa aparência, causou muitas especulações devido a um lapso extraordinário de comportamento. Ao que parece, ele descia a colina pela estrada que vem de Chepachet e, chegando na região central, dobrou à esquerda na via principal onde vários quarteirões de negócios modestos transmitem uma atmosfera urbana. Nesse ponto, sem uma provocação visível, cometeu o seu lapso espantoso. Por um segundo ficou encarando estranhamente o prédio mais alto à sua frente e, em seguida, dando uma série de gritos histéricos e aterrorizados, disparou numa corrida desesperada que terminou num tropeção e num tombo no cruzamento seguinte. Levantado do chão e limpo do pó por mãos prestativas, viu-se que estava consciente, organicamente incólume e evidentemente curado do seu ataque nervoso repentino. Então murmurou algumas explicações envergonhadas envolvendo um período de tensão que passara e, com o olhar cabisbaixo, voltou pela estrada de Chepachet, afastando-se penosamente sem olhar nem uma vez para trás. Foi um incidente estranho para acontecer com um homem tão robusto, de aspecto normal e capaz, e essa estranheza não foi mitigada pelas observações de um curioso que o havia reconhecido como sendo hóspede de um popular leiteiro nos arredores de Chepachet.

Então ficaram sabendo que ele fora um detetive da polícia de Nova York chamado Thomas F. Malone, agora numa longa licença médica após um trabalho extraordinariamente duro num caso local terrível e que se tornou dramático por um acidente. Pois o que

ocorreu foi um desabamento de vários prédios velhos de tijolos durante uma batida em que ele estava junto, e algo a respeito da perda de vidas em grande escala, tanto dos prisioneiros quanto dos seus colegas, o havia chocado especialmente. Em consequência disso, ele adquirira um horror agudo e anômalo de qualquer prédio que sugerisse, mesmo remotamente, os prédios que haviam desabado, de maneira que, no fim, os especialistas em doenças mentais o proibiram de ver esse tipo de construção por um período indefinido. Um cirurgião da polícia com parentes em Chepachet sugeriu aquele povoado pequeno e gracioso de casas coloniais de madeira como um lugar ideal para a sua recuperação psicológica; e para lá se foi o sofredor, prometendo não se aventurar em meio às ruas cheias de construções dos vilarejos maiores, a não ser se devidamente aconselhado pelo especialista de Woonsocket com quem fora colocado em contato. Essa caminhada até Pascoag atrás de revistas fora um erro, e o paciente pagara em medo, machucados e humilhação por sua desobediência.

Até aí as fofocas de Chepachet e Pascoag sabiam; e até aí também os especialistas mais cultos acreditavam. Mas num primeiro momento Malone havia contado muito mais, parando somente quando viu que só o que lhe restava era a incredulidade absoluta dos outros. Daí em diante se manteve calado e nem protestou quando todos concordaram que o colapso de algumas casas miseráveis de tijolos na região de Red Hook, no Brooklyn, e a morte em consequência disso de vários policiais valentes, haviam perturbado o seu equilíbrio nervoso. Ele trabalhara com afinco, todos disseram, tentando limpar aqueles ninhos de desordem e violência. Mesmo em sua consciência alguns aspectos eram suficientemente chocantes, e a tragédia inesperada fora a gota d'água. Essa era uma explicação simples que todos podiam entender, e Malone, sendo mais sensível, percebeu que era melhor deixar que isso bastasse. Sugerir para pessoas destituídas de imaginação um horror além de qualquer concepção humana – um horror de casas, quarteirões e cidades leprosas e cancerosas, com o mal arrastando-se de mundos mais antigos – seria meramente pedir por uma cela acolchoada em vez do descanso no campo, e Malone era um homem sensato apesar

do seu misticismo. Ele tinha a visão celta profunda para coisas misteriosas e ocultas, mas o olho rápido de um lógico para os visivelmente cétricos; um amálgama que o levava longe nos seus 42 anos de vida e o colocara em lugares estranhos para um homem da Universidade de Dublin nascido numa vila georgiana próxima de Phoenix Park.

E agora, enquanto recapitulava as coisas que vira, sentira e percebera, Malone sentia-se satisfeito em manter só para ele o segredo que poderia reduzir um lutador destemido a um neurótico trêmulo, que poderia tornar cortiços velhos de tijolos e mares de rostos misteriosos enigmáticos num pesadelo e em algo de um estranho agouro. Não seria a primeira vez que as suas emoções teriam de esperar para serem consideradas – pois não fora o seu próprio ato de mergulhar no abismo poliglota do submundo de Nova York uma anomalia além de uma explicação sensata? O que ele poderia contar para as pessoas comuns sobre feitiçarias antigas e prodígios grotescos discerníveis aos olhos sensíveis em meio ao caldeirão venenoso onde todos os refugos variados de eras perniciosas misturam a sua malevolência e perpetuam os seus terrores obscenos? Ele vira a chama verde infernal de assombro secreto nessa confusão ruidosa e ambígua de ganância externa e blasfêmia interior e sorria ternamente quando todos os nova-iorquinos que ele conhecia zombaram da sua experiência no trabalho policial. Eles haviam sido muito espirituosos e cínicos, escarnecendo da sua busca fantástica por mistérios impenetráveis e assegurando-lhe que, nos dias de hoje, Nova York não tinha nada a não ser baixeza e vulgaridade. Um deles apostou com ele que não conseguiria – apesar de ter em seu crédito muitos relatos picantes no *Dublin Review* – nem escrever uma história verdadeiramente interessante sobre a vida na pobreza de Nova York; e agora, olhando para trás, ele percebia que a ironia cósmica havia justificado as palavras do profeta enquanto secretamente refutando o seu significado leviano. O horror, como visto de relance por fim, não podia dar uma história – pois, como o livro citado pela autoridade alemã de Poe, “*es lasst sich nicht lesen*”, “isto não se deixa ler”.

II

Para Malone o sentido de mistério latente na existência era sempre presente. Na juventude ele sentira a beleza oculta e o êxtase das coisas e fora um poeta; mas a pobreza, o sofrimento e o exílio haviam voltado o seu olhar para direções mais sombrias, e ele se arrepiara com as imputações do mal no mundo à sua volta. A vida cotidiana para ele se tornara uma fantasmagoria de estudos irreais e macabros; ora resplandecendo e olhando maliciosamente com uma podridão disfarçada no melhor jeito de um Beardsley[1], ora insinuando terrores por detrás dos formatos e objetos mais triviais como na obra mais sutil e menos óbvia de Gustave Doré[2]. Muitas vezes ele considerava misericordioso que a maioria das pessoas mais inteligentes zombasse dos mistérios mais profundos; afinal, argumentava ele, se as mentes superiores fossem colocadas integralmente em contato com os segredos preservados pelos cultos antigos e inferiores, as anormalidades resultantes não apenas arruinariam o mundo logo, mas ameaçariam a própria integridade do universo. Não havia dúvida que toda essa reflexão era mórbida, mas a lógica perspicaz e um sentido profundo de humor a compensavam habilmente. Malone estava satisfeito em deixar suas noções permanecerem como visões proibidas e vigiadas de forma meio dissimulada para se brincar alegremente; e a crise nervosa só veio quando o dever o jogou num inferno de descobertas muito repentino e traiçoeiro para conseguir fugir dele.

Já fazia algum tempo que ele fora designado para o distrito policial da Butler Street no Brooklyn quando o caso Red Hook lhe foi passado. Red Hook é um labirinto de esqualidez híbrida próximo à antiga zona portuária e de frente para a Governor's Island. Suas ruas sujas partem do cais e sobem até a parte mais alta, onde as extensões degeneradas das ruas Clinton e Court seguem em direção à sede da subprefeitura. As casas são na maior parte de tijolos, datando do primeiro quarto até a metade do século XIX, e alguns becos e caminhos mais obscuros têm aquele traço antigo fascinante que a leitura convencional nos leva a chamar de *dickensiano*. [3] A população é um emaranhado e um enigma incorrigível; elementos

sírios, espanhóis, italianos e negros chocam-se uns com os outros, e fragmentos de cinturões escandinavos e norte-americanos não vivem muito longe. Trata-se de uma babel de sons e sujeira lançando exclamações estranhas para responder ao barulho das ondas oleosas nos molhes imundos e às ladainhas monstruosas dos apitos do porto. Muito tempo atrás se vivia um quadro mais aprazível, com marinheiros de olhos claros nas ruas mais abaixo e lares de bom gosto e solidez onde as casas maiores acompanham a colina. Uma pessoa pode rastrear as relíquias dessa felicidade passada na arquitetura aprumada das construções, nas igrejas encantadoras ocasionais e nos indícios de arte e paisagem originais em pequenos detalhes aqui e ali – um lance gasto de degraus de uma escada, uma porta em ruínas, um par carcomido de colunas decorativas, ou o fragmento do que foi um dia um espaço verde com uma cerca enferrujada e torta. As casas costumam ficar em quadras compactas, e espaçadamente surge uma abóbada com várias janelas para falar dos dias quando os lares dos capitães e proprietários de barcos observavam o mar.

Dessa confusão de putrescência material e espiritual, as blasfêmias de uma centena de dialetos investem contra o céu. Quando as hordas de vagabundos vagam sem destino gritando e cantando pelas vielas e ruas movimentadas, subitamente as mãos furtivas ocasionais apagam as luzes e fecham as cortinas, e os rostos morenos e marcados pelo pecado desaparecem das janelas enquanto os visitantes avançam cautelosos pelo seu caminho. Policiais perderam a esperança de pôr ordem ou reformar a situação e buscam, em vez disso, erguer barreiras protegendo o mundo exterior do contágio. O clangor da patrulha é respondido com uma espécie de silêncio fantasmagórico, e os prisioneiros que são levados entre eles nunca são comunicativos. Delitos visíveis são tão variados quanto os dialetos locais e perfazem uma gama que vai desde o contrabando de rum e imigrantes ilegais, passando por diversos estágios de ilegalidades e vícios obscuros, chegando a assassinatos e mutilações nos seus disfarces mais repugnantes. Que esses casos notórios não sejam mais frequentes não se deve creditar ao bairro, a não ser que a dissimulação seja uma arte que demande crédito.

Mais pessoas entram em Red Hook do que o deixam – ou pelo menos, do que o deixam por terra –, e aqueles que não são espertos têm a maior chance de deixá-lo.

Malone encontrou nesse estado das coisas um ligeiro mau cheiro de segredos mais terríveis do que qualquer pecado denunciado pelos cidadãos e deplorado pelos padres e filantropos. Ele era consciente, como um homem que reunia a imaginação com o conhecimento científico, que pessoas modernas sob condições sem lei tendem estranhamente a repetir os padrões instintivos e as práticas rituais mais sinistras e de uma selvageria meio simiesca na sua vida cotidiana; e muitas vezes ele vira com o arrepio de um antropólogo as procissões de jovens de olhos turvos e rostos marcados pela varíola que avançavam serpenteando o seu caminho madrugado adentro, cantando e dizendo palavrões. Esses grupos de jovens eram vistos sem cessar, algumas vezes em vigílias maldosas nas esquinas das ruas, ou nos vãos das portas fazendo música soturnamente em instrumentos baratos, quem sabe cochilando entorpecidos, ou talvez em diálogos indecentes nas mesas dos cafés próximos da sede da subprefeitura, ou ainda conversando aos sussurros ao lado de táxis sujos estacionados junto aos alpendres de casas velhas fechadas e caindo aos pedaços. Eles lhe provocavam arrepios e o fascinavam mais do que ele tinha coragem de confessar para os seus colegas na força, pois ele parecia ver neles algum encadeamento monstruoso de uma continuidade secreta; algum padrão diabólico, enigmático e antigo, absolutamente além da massa sórdida dos fatos, costumes e antros listados com um cuidado técnico tão consciencioso pela polícia. Malone refletia que eles deviam ser os herdeiros de alguma tradição chocante e primordial; participantes dos fragmentos degradados e dispersos de cultos e cerimônias mais antigos que a própria humanidade. A sua coerência e a sua clareza insinuavam esse fato, e isso se manifestava nos indícios extraordinários de ordem que se escondiam por trás da sua desordem sórdida. Ele não havia lido em vão tratados como *Feitiçaria na Europa Ocidental* da sra. Murray; e sabia que até há poucos anos certamente havia sobrevivido em meio aos camponeses e gente dissimulada um sistema clandestino e terrível de reuniões e

orgias que descendiam de religiões ocultas anteriores ao mundo ariano, aparecendo em lendas populares como Missas Tétricas e Sábados de Bruxas. Não era possível opinar sobre a possibilidade de esses vestígios infernais da velha mágica turaniana-asiática e cultos à fertilidade estarem completamente mortos, e ele se perguntava frequentemente o quão mais antigos e mais ocultos do que as piores lendas sussurradas alguns deles poderiam ser na realidade.

III

Foi o caso de Robert Suydam que levou Malone ao cerne das coisas em Red Hook. Suydam era um recluso erudito de uma família holandesa antiga e humilde. Ele morava na mansão espaçosa caindo aos pedaços que o avô construía em Flatbush quando aquele vilarejo não passava de um punhado aprazível de chalés coloniais em torno da Igreja da Reforma, com seu campanário coberto de heras e o cemitério com uma cerca de ferro e tomado por túmulos de holandeses. Na sua casa solitária, protegida da Martense Street por um jardim de árvores antigas, Suydam havia lido e meditado por quase seis décadas, exceto por um período quando velejara para o velho mundo e ficara fora da vista de todos por oito anos. Ele não tinha condições de pagar criados e admitia apenas alguns visitantes para a sua solidão absoluta; evitando amizades próximas e recebendo seus raros conhecidos numa das três salas térreas que mantinha arrumadas – uma delas sendo a sua vasta biblioteca, cujas paredes altas eram repletas de livros esfarrapados com um aspecto grave, arcaico e vagamente repelente. O crescimento da cidade e a sua absorção final pelo distrito de Brooklyn não significaram nada para Suydam, e ele, por sua vez, também passara a significar cada vez menos para a cidade. Os idosos ainda apontavam para ele nas ruas, mas, para a maioria da população recente, era simplesmente um velho corpulento e estranho, cujo cabelo despenteado, barba hirsuta, roupas escuras cintilantes e uma bengala com um cabo de ouro garantiam um olhar divertido e nada mais. Malone não o conhecia até o dever o levar ao caso, mas ouvira falar a seu respeito de modo indireto como uma autoridade realmente respeitável em

superstição medieval, e uma vez tentara em vão encontrar um texto fora de edição seu sobre a Cabala e a lenda do Fausto que um amigo citara de memória.

Suydam tornou-se um “caso” quando seus parentes distantes, os únicos que haviam restado, buscaram uma decisão judicial sobre a sua sanidade. A ação pareceu repentina para o mundo exterior, mas foi levada adiante só depois de uma observação prolongada e uma discussão pesarosa. Ela foi baseada em determinadas mudanças excêntricas na sua fala e nos seus costumes; alusões desvairadas sobre maravilhas que estavam para acontecer e suas visitas assíduas e inexplicáveis a bairros mal-afamados do Brooklyn. Ele estava cada vez mais maltrapilho com o passar dos anos e agora andava pelas ruas como um legítimo mendigo. Era visto algumas vezes por amigos constrangidos em estações de metrô, ou matando o tempo nos bancos em torno da sede da subprefeitura e conversando com grupos de estranhos de compleição escura e aparência ruim. Quando falava era para tagarelar sobre poderes ilimitados quase ao seu alcance e para repetir com olhares de conhecedor palavras ou nomes místicos como “Sephiroth”, “Ashmodai” e “Samaël”. A medida judicial revelou que ele estava gastando toda a renda e desperdiçando o patrimônio na compra de tomos curiosos importados de Londres e Paris e com a manutenção de um apartamento esqualido de subsolo no distrito de Red Hook, onde passava quase todas as noites recebendo delegações excêntricas de desordeiros e estrangeiros misturados, aparentemente conduzindo algum tipo de serviço cerimonial por detrás das cortinas verdes de janelas reservadas. Os detetives designados para segui-lo relataram ouvir ruídos estranhos naqueles rituais noturnos, como pés batendo no chão, além de gritos e cantos. O êxtase e o descontrole peculiares desses rituais lhes causaram arrepios, apesar de orgias malucas serem comuns naquela região embrutecida. Quando o caso foi levado para uma audiência, entretanto, Suydam conseguiu manter a liberdade. Diante do juiz, seu comportamento tornou-se cortês e razoável, e ele admitiu francamente a esquisitice de sua conduta e a sua escolha por uma linguagem extravagante, atribuindo-as à devoção excessiva ao

estudo e à pesquisa. Ele disse que estava engajado na investigação de determinados detalhes da tradição europeia que exigiam um contato mais próximo com grupos estrangeiros, suas músicas e danças populares. A noção de que qualquer sociedade secreta inferior o estava atormentando, como insinuado por seus parentes, era absurda e mostrava o quão tristemente limitada era a visão que tinham dele e do seu trabalho. Triunfando calmamente com suas explicações, o tribunal consentiu que ele partisse sem impedimentos; já os detetives contratados pelos Suydams, Corlears e Van Brunts, foram retirados do caso conformados com sua derrota.

Foi nesse momento que uma aliança de inspetores federais e a polícia local, Malone entre eles, entrou no caso. A lei tinha observado o caso Suydam com interesse e havia sido chamada muitas vezes para ajudar os detetives particulares. Nesse trabalho ficou-se sabendo que os novos parceiros de Suydam estavam entre os criminosos mais sinistros e corrompidos dos caminhos tortuosos de Red Hook e que pelo menos um terço deles eram infratores conhecidos e reincidentes nas áreas do furto, desordem e importação de imigrantes ilegais. De fato, não seria demais dizer que o círculo particular do velho erudito coincidia quase perfeitamente com as piores facções criminosas que contrabandeavam para terra firme determinadas escórias asiáticas sem nome e inqualificáveis, sabiamente mandadas de volta pelo cais de Ellis Island. Nos pardieiros apinhados de Parker Place – desde então renomeados –, onde Suydam tinha o apartamento de subsolo, crescera uma colônia bastante insólita de pessoas com olhos puxados e difíceis de serem classificadas. Eles falavam uma língua de origem árabe, mas eram repudiados com veemência pela grande massa de sírios da Atlantic Avenue e em torno dela. Todos poderiam ter sido deportados por falta de documentos, mas o sistema legal é lento, e uma autoridade não mexe em Red Hook a não ser que a publicidade a force a fazê-lo.

Essas criaturas frequentavam uma igreja de pedra em ruínas, com seus botaréis góticos virados na direção da parte mais desprezível da zona portuária e usada nas quartas-feiras como um salão de bailes. Ela era nominalmente católica, mas os padres de

todo o Brooklyn negavam ao lugar qualquer prestígio e autenticidade. Os policiais que ouviram os barulhos que ela emitia à noite concordavam com esses sacerdotes. Malone chegara a imaginar que ouvira notas graves e desafinadas terríveis de um órgão escondido nas profundezas da terra quando a igreja estava vazia e no escuro, ao passo que todos que passavam por perto dela quando estavam sendo celebrados serviços temiam os gritos estridentes e o bater de tambores que os acompanhavam. Quando perguntado a esse respeito, Suydam disse acreditar que o ritual era algum vestígio do cristianismo nestoriano impregnando com o xamanismo do Tibete. A maioria das pessoas, supôs ele, era de origem mongoloide, de algum lugar no Curdistão ou próximo dele – e Malone não pôde deixar de lembrar que o Curdistão é a terra dos yezidis, os últimos sobreviventes persas dos adoradores do diabo. Qualquer que tenha sido a forma como isso aconteceu, a investigação de Suydam teve certeza que esses recém-chegados estavam afluindo para Red Hook em números cada vez maiores. Eles estavam entrando por meio de alguma conspiração marinha fora do alcance dos oficiais da receita e a polícia do porto, infestando Parker Place, rapidamente se espalhando colina acima e sendo bem-recebidos com um curioso fraternalismo por outros cidadãos legalizados de vários lugares da região. Suas figuras acoradas e fisionomias caracteristicamente de olhos puxados, combinadas de modo grotesco com roupas norte-americanas cintilantes, apareciam mais e mais numerosamente em meio aos vagabundos e bandidos nômades da região da sede da subprefeitura; até que por fim foi considerado necessário calcular os seus números, apurar as suas origens e ocupações e enviá-los para as autoridades imigratórias apropriadas. Malone foi designado para essa tarefa mediante um acordo entre as polícias federal e local para encontrar, dentro do possível, uma forma de arrebanhá-los e entregá-los para as forças policiais. Quando começou a investigação em Red Hook, Malone sentiu-se pairando à beira de terrores inomináveis, com a figura maltrapilha e descuidada de Robert Suydam como seu aqui-inimigo e adversário.

IV

Os métodos da polícia são variados e inventivos. Malone, por meio de passeios despreziosos, conversas cuidadosamente casuais, ofertas na hora certa do seu uísque de bolso e diálogos discretos com prisioneiros assustados, ficou sabendo de vários fatos isolados a respeito do movimento cujo aspecto se tornara muito ameaçador. Os recém-chegados eram realmente curdos, mas falavam um dialeto obscuro e enigmático demais para se poder extrair a sua filologia. Dentre os que trabalhavam, grande parte eram estivadores e vendedores ambulantes, apesar de muitas vezes atenderem em restaurantes gregos e cuidarem de bancas de revistas e jornais de esquina. A maioria, entretanto, não tinha meios perceptíveis de sustento e estava obviamente ligada a ocupações do submundo, das quais o contrabando e a venda ilegal de bebidas alcoólicas eram as menos indescritíveis. Eles tinham chegado em barcos a vapor, aparentemente vagabundos de cargueiros, e tinham sido descarregados na calada de noites sem lua em barcos a remo que entravam furtivamente sob um determinado ancoradouro e seguiam por um canal escondido até um lago artificial subterrâneo embaixo de uma casa. Esse ancoradouro, o canal e a casa, Malone não conseguiu localizar, pois as memórias dos seus informantes eram extraordinariamente confusas, enquanto a sua fala era, em grande parte, além da capacidade de compreensão do mais hábil dos tradutores; tampouco ele conseguia obter quaisquer dados reais sobre as razões para a sua importação sistemática. Eles eram reservados a respeito do lugar preciso de onde tinham vindo, e nunca estavam suficientemente de guarda baixa para revelar as pessoas influentes que os haviam buscado e dirigido sua rota. Na verdade, eles tinham desenvolvido algo como um terror agudo quando perguntados sobre as razões da sua presença. Bandidos de outras estirpes eram igualmente taciturnos, e o máximo que se conseguiu juntar foi que algum deus ou grande sacerdote lhes havia prometido poderes desconhecidos, glórias sobrenaturais e a soberania numa terra estranha.

A presença dos recém-chegados e de bandidos já conhecidos nos encontros noturnos controlados com rigor era bastante regular, e a polícia logo ficou sabendo que o outrora velho recluso havia alugado apartamentos adicionais para acomodar os convidados que soubessem a sua senha; por fim ocupou três casas inteiras e passou a acolher em caráter permanente muitas das suas companhias esquisitas. Ele passava pouco tempo agora na sua casa de Flatbush, indo e vindo aparentemente apenas para pegar e devolver livros; e seu rosto e jeito de ser haviam atingido um nível assustador de desvario. Malone interrogou-o duas vezes, mas cada vez foi bruscamente rejeitado. Ele não sabia de nada, sustentou, sobre quaisquer planos ou movimentos misteriosos; e não fazia ideia de como os curdos poderiam ter entrado ou o que eles queriam. O seu negócio era estudar sem ser perturbado o folclore de todos os imigrantes do distrito; um negócio sobre o qual um policial não tinha interesse legal algum. Malone mencionou a sua admiração pelo velho texto de Suydam sobre a Cabala e outros mitos, mas o abrandamento na postura do velho foi apenas momentâneo. Ele percebeu uma intromissão e repeliu seu visitante sem ambiguidade alguma, até que Malone se retirou enfasiado e teve de voltar-se para outros canais de informação.

O que Malone teria trazido à luz se tivesse seguido trabalhando continuamente no caso nós não vamos saber nunca. Um conflito de certo modo estúpido entre as autoridades locais e federais suspendeu as investigações por vários meses, durante os quais o detetive esteve ocupado com outras missões. Mas em nenhum momento ele perdeu interesse, nem deixou de ficar pasmo com o que estava acontecendo com Robert Suydam. No mesmo instante em que uma onda de sequestros e desaparecimentos espalhou a sua comoção por Nova York, o erudito maltrapilho embarcou numa metamorfose tão surpreendente quanto absurda. Um dia ele foi visto próximo da sede da subprefeitura com o rosto barbeado, o cabelo cortado e trajes elegantemente imaculados, e a cada dia daí em diante alguma melhoria obscura era observada nele. Ele mantinha a sua nova altivez sem recaídas, acrescentando a ela um brilho inusitado no olhar e uma vivacidade na fala, e começou pouco a

pouco a reduzir a corpulência que há tanto tempo o deformava. Agora frequentemente tomado por um homem com menos do que a sua idade, ele adquirira elasticidade na passada e leveza de conduta para combinar com a nova condição e mostrava um escurecimento esquisito do cabelo que, de certa forma, não sugeria uma tintura. À medida que os meses passavam, ele começou a vestir-se cada vez mais esportivamente e, por fim, surpreendeu suas novas amizades ao renovar e redecorar a mansão de Flatbush, abrindo-a para uma série de recepções e reunindo todos os conhecidos de que conseguia se lembrar. Além disso, estendeu boas-vindas especiais para os parentes perdoados que tão recentemente haviam buscado a sua reclusão. Alguns apareceram motivados pela curiosidade, outros pelo dever; mas todos estavam subitamente encantados com a jovialidade e a cortesia do antigo eremita. Ele assegurou que havia concluído a maior parte do trabalho que lhe cabia; e tendo recém-herdado uma propriedade de um amigo europeu meio esquecido, estava prestes a passar os anos que lhe restavam numa segunda juventude mais feliz, a qual a despreocupação, os cuidados e uma dieta haviam lhe tornado possível. Ele era cada vez menos visto em Red Hook e mais na sociedade na qual nascera. Os policiais observaram uma tendência dos bandidos de se reunirem na velha igreja de pedra e no salão de baile em vez de no apartamento de subsolo em Parker Place, embora este e seus anexos recentes ainda transbordassem com uma vida doentia.

Então ocorreram dois incidentes – suficientemente separados um do outro, mas ambos de um interesse intenso na forma como Malone via o caso. Um foi a participação sem alardes no diário *Eagle* do noivado de Robert Suydam com a srta. Cornelia Gerritsen, de Bayside, uma jovem de excelente status social e parente distante do noivo idoso; ao passo que o outro foi uma batida da polícia local na igreja após uma denúncia de que o rosto de uma criança raptada havia sido visto por um segundo numa das janelas do porão. Malone participara dessa batida e estudara o lugar com bastante cuidado. Nada foi encontrado – na realidade, o prédio estava completamente deserto quando visitado –, mas o celta sensetivo ficara vagamente perturbado com muitas coisas a respeito do seu interior. Havia

painéis rudemente pintados dos quais ele não gostara – painéis que descreviam rostos sagrados com expressões peculiarmente mundanas e sarcásticas, os quais ainda tomavam algumas liberdades que até o sentido de decoro de um leigo dificilmente aprovaria. Ele também não apreciou uma inscrição em grego sobre a parede acima do púlpito; uma fórmula cabalística antiga que ele encontrara ao acaso uma vez nos tempos em que estudava na Universidade de Dublin e a qual traduzida literalmente, era assim:

“Ó amigo e companheiro da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães e o sangue derramado, que vagas em meio às sombras das tumbas e desejas ardentemente o sangue, levando o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, olha com carinho os nossos sacrifícios!”

Quando Malone leu isso, sentiu arrepios e lembrou-se vagamente das notas baixas e desafinadas do órgão que imaginara ter ouvido embaixo da igreja em certas noites. Ele se arrepiou de novo ao perceber a ferrugem em torno do aro de uma bacia de metal que ficava sobre o altar e parou nervoso quando suas narinas pareceram detectar um mau cheiro esquisito e medonho vindo de algum lugar do bairro. Aquela memória do órgão o perseguia, e ele explorou o porão com cuidado antes de deixá-lo. O lugar era odioso demais para ele; apesar de tudo, entretanto, os painéis e as inscrições blasfemas não eram apenas meras grosserias perpetradas pelos ignorantes?

Quando chegou o casamento de Suydam, a epidemia de raptos havia se tornado um escândalo popular nos jornais. A maioria das vítimas eram crianças pequenas das classes mais baixas, mas o número cada vez maior de desaparecimentos alimentara um sentimento de fúria sem precedentes. Os jornais clamavam por ações da polícia, e mais uma vez o distrito policial da Butler Street enviou seus homens para Red Hook em busca de pistas, achados e criminosos. Malone sentia-se feliz em estar na trilha uma vez mais e orgulhou-se de participar de uma batida numa das casas de Suydam em Parker Place. Realmente não foi encontrada nenhuma criança roubada por lá, apesar dos relatos de gritos e a fita vermelha juntada do chão na entrada baixa do porão; mas as pinturas e as

inscrições rudes sobre as paredes descascadas da maioria dos quartos, assim como o laboratório químico primitivo no sótão, ajudaram, no seu conjunto, a convencer o detetive de que ele estava na pista de algo extraordinário. As pinturas eram aterradoras – monstros abomináveis de todos os tipos e tamanhos e paródias de perfis humanos indescritíveis. A tinta era vermelha e as letras variavam do árabe ao grego e do romano ao hebreu. Malone não conseguiu ler grande parte daquilo, mas o que conseguiu decifrar era suficientemente cabalístico e auspicioso. Um lema repetido com frequência estava numa espécie de grego helenístico com um viés hebreu e sugeria as mais terríveis evocações satânicas da decadência Alexandrina:

“hel . heloym . sother . emmanuel . sabaoth . agla . tetragrammaton . agyros . otheos . ischyros . athanatos . iehova . va . adonai . sadai . hmovsion messias. eschereheye.”

Círculos e pentagramas avultavam sobre cada entalhe das letras e indicavam sem dúvida alguma as crenças e aspirações daqueles que viviam tão miseravelmente naquele local. Na adega, entretanto, foi encontrada a coisa mais estranha – uma pilha de lingotes de ouro genuínos coberta descuidadamente com um pano de estopa e trazendo sobre as superfícies brilhantes os mesmos hieróglifos que também adornavam as paredes. Durante a batida a polícia encontrou apenas uma resistência passiva dos orientais de olhos puxados que precipitavam-se para fora de todas as portas. Sem achar nada relevante, deixaram tudo como estava, mas o capitão do distrito policial escreveu uma nota para Suydam aconselhando-o a observar com atenção o caráter dos seus inquilinos e protegidos diante do crescente clamor público.

V

Então veio o casamento em junho e a grande sensação que ele gerou. Flatbush estava alegre para o momento e perto do meio-dia os carros com flâmulas já engarrafavam as ruas próximo da velha igreja holandesa onde um toldo se estendia da sua porta até a avenida. Nenhum evento local jamais superou o casamento Suydam-

Gerritsen em tom e escala, e a festa que acompanhou a noiva e o noivo até o píer Cunard, se não foi exatamente a mais espirituosa, pelo menos contou com uma parte importante da alta sociedade local. Às cinco horas um *adieux* foi abanado e um imponente transatlântico afastou-se do longo cais, então voltou lentamente a proa em direção ao mar, soltou-se do rebocador e partiu para os espaços de água aberta que se abriam e levavam para as maravilhas do velho mundo. À noite ele já ultrapassara a enseada e os passageiros mais notívagos observavam o bruxulear das estrelas acima do oceano despoluído.

Se foi o cargueiro a vapor ou o grito que chamou a atenção de todos primeiro, ninguém sabe dizer. Os fatos provavelmente ocorreram de modo simultâneo, mas não vale a pena discutir isso. O grito veio do camarote de Suydam, e o marinheiro que derrubou a porta talvez pudesse contar coisas terríveis se não tivesse ficado completamente maluco logo depois. De qualquer forma, ele guinchou mais alto que as primeiras vítimas, e depois disso correu com um sorriso tolo em torno do barco até ser pego e colocado a ferros. O médico do barco que entrou no camarote e ligou as luzes em seguida não enlouqueceu, mas também não falou nada do que viu até mais tarde, quando se correspondeu com Malone em Chepachet. Foi um assassinato – estrangulamento –, mas não é preciso dizer que a marca de garras na garganta da sra. Suydam não poderia ter sido feita pelo marido ou qualquer outra mão humana, ou que sobre a parede branca bruxuleou por um instante num vermelho odioso uma inscrição que mais tarde, copiada de memória, parece ter sido nada menos que as letras cladeias temíveis da palavra “lilith”. Ele não achou necessário mencionar isso, já que a inscrição desaparecera tão rapidamente, e quanto a Suydam, o médico achou por bem ao menos barrar a entrada de outras pessoas no quarto até saber o que pensar a respeito disso. Ele assegurou distintamente a Malone que não viu essa cena, mas um instante antes de ligar a luz, a escotilha aberta pareceu anuviada por um segundo por uma espécie de fosforescência e ele teve a impressão de ouvir da noite lá fora um riso abafado, ligeiro e diabólico; mas

não conseguiu distinguir o perfil de figura alguma. Como prova disso, o médico aponta para o fato de continuar são.

Então o cargueiro a vapor chamou a atenção de todos. Um bote foi colocado na água e uma horda de facínoras morenos e insolentes subiu a bordo do Cunarder, que estava temporariamente parado. Eles queriam Suydam ou o seu corpo, já que sabiam da sua viagem e por alguma razão tinham certeza de que ele morreria. O passadiço do capitão virou quase um pandemônio, pois entre o relato do médico sobre o que vira no camarote e as demandas dos homens do cargueiro, nem o homem do mar mais sábio e circunspeto poderia pensar o que fazer. Subitamente o líder dos visitantes, um árabe com uma boca bestial, puxou um papel sujo e amassado e passou-o para o capitão. Estava assinado por Robert Suydam e trazia a seguinte mensagem estranha:

No caso de um acidente ou da minha morte súbita e inexplicável, por favor entreguem-me ou meu corpo incondicionalmente ao portador desta nota e seus companheiros. Tudo para mim, e talvez para vocês, depende da sua obediência absoluta. Explicações podem vir mais tarde – não me deixem na mão agora.

Robert Suydam

O capitão e o médico olharam um para o outro, e este sussurrou algo. Finalmente concordaram um tanto impotentes e mostraram o caminho até o camarote de Suydam. O médico pediu para que o capitão não olhasse para dentro enquanto destrancava a porta e deixava os marinheiros estranhos entrarem, e mal conseguiu respirar enquanto preparavam o seu fardo por um período inexplicavelmente longo. Suydam foi enrolado na roupa de cama dos beliches, e o médico ficou satisfeito que os contornos não eram muito reveladores. De alguma forma os homens conseguiram passar o corpo para fora da amurada e para o cargueiro sem descobri-lo. O *Cunarder* partiu novamente, e o médico e um agente funerário que estava no navio foram até o camarote de Suydam para cuidar dos últimos detalhes. Então, mais uma vez o médico foi forçado a

manter-se calado e até a mentir, pois algo diabólico havia acontecido. Quando o agente funerário lhe perguntou porque ele tirara todo o sangue da sra. Suydam, ele negou que tivesse feito isso e tampouco indicou os espaços vazios das garrafas na prateleira, assim como o cheiro na pia que demonstrava como se livrara com pressa dos conteúdos originais das garrafas. Os bolsos daqueles homens – se é que eram homens – estavam abominavelmente abaulados quando deixaram o navio. Duas horas mais tarde o mundo já sabia, pelo rádio, tudo o que deveria saber sobre o caso terrível.

VI

Naquela mesma noite de junho, sem ter ouvido uma palavra do mar, Malone estava desesperadamente ocupado em meio às vielas de Red Hook. Uma agitação repentina parecia permear o lugar, e como se notificados “pelo passarinho” sobre algo extraordinário, uma turba de imigrantes naturalizados agrupou-se esperançosamente em torno da igreja e das casas em Parker Place. Três crianças tinham recém-desaparecido – norueguesas de olhos azuis das ruas próximas de Gowanus – e havia rumores de que uma multidão de vikings robustos daquela região estava se formando. Malone estava há semanas insistindo com seus colegas para tentarem uma limpeza geral; e finalmente, demovidos pelas condições mais óbvias para o seu bom-senso do que as conjunturas de um sonhador de Dublin, eles concordaram em dar um golpe final. O tumulto e o perigo dessa noite tinham sido o fator decisivo, e logo após a meia-noite um grupo formado a partir de três distritos policiais invadiu Parker Place e seus arredores. Portas foram arrombadas, vagabundos foram presos e os quartos foram iluminados pela luz de velas e forçados a expelir turbas inacreditáveis de estrangeiros misturados em túnicas estampadas, mitras e outros emblemas inexplicáveis. Muito foi perdido no entrevero, pois objetos foram jogados precipitadamente em poços inesperados e cheiros reveladores eram mascarados por incensos acres recém-acesos. Mas o sangue salpicado estava por todo lugar, e

Malone sentia arrepios sempre que via um braseiro ou um altar de onde ainda saía fumaça.

Ele queria estar em vários lugares ao mesmo tempo e decidiu pelo apartamento de Suydam no subsolo apenas após um mensageiro ter relatado sobre o vazio completo da igreja dilapidada. O apartamento, pensou ele, deve ter alguma pista para o culto de que o erudito misterioso se tornou tão obviamente seu centro e líder; e foi com uma esperança real que ele revistou os quartos mofados, sentiu seu odor vago de ossuário e examinou os livros, instrumentos e lingotes de ouro estranhos e as garrafas com tampas de vidro espalhadas descuidadamente por toda parte. Então um gato magro preto e branco esquivou-se por entre seus pés e o fez tropeçar, virando ao mesmo tempo um béquer com um pouco de líquido vermelho. O choque foi incrível, e até hoje Malone não tem certeza sobre o que viu; mas em sonhos ainda vê aquele gato enquanto ele fugia correndo com certas alterações e peculiaridades monstruosas. Então veio a porta trancada do porão, e a busca por algo que a derrubasse. Um tamborete pesado estava próximo, e o assento duro foi mais do que suficiente para a madeira velha da porta. Uma rachadura formou-se e foi aumentando, e toda a porta cedeu – mas pela pressão vinda do *outro lado*, de onde jorrou um turbilhão imenso de vento frio com o mau cheiro de um abismo infinito, alcançando uma força de sucção que não era da terra ou do céu e que se enovelou conscientemente em torno do detetive paralisado, arrastou-o pela abertura para os espaços imensuráveis cheios de sussurros e gemidos e acessos de risos zombeteiros.

É claro que era um sonho. Todos os especialistas lhe disseram isso, e ele não tinha nada para provar o contrário. Ele com certeza preferiria que assim fosse, pois então a visão de cortiços de tijolos antigos e rostos estrangeiros escuros não calaria de modo tão profundo na sua alma. Mas na época tudo foi terrivelmente real, e nada poderá apagar a memória daquelas criptas às escuras, aquelas galerias titânicas com figuras infernais malformadas e que caminhavam em silêncio com suas passadas gigantescas e segurando seres comidos pela metade, cujas porções ainda vivas gritavam por misericórdia ou riam de loucura. Cheiros de incenso e

decomposição juntavam-se numa combinação enjoativa, e a atmosfera escura agitava-se com os corpanzís obscurecidos e semivisíveis de seres poderosos e disformes com olhos. Em algum lugar uma água escura e oleosa batia sobre píers de ônix, e o tilintar aterrorizador de sininhos estridentes repicou uma vez para saudar o riso abafado insano de um ser nu fosforescente que nadou até o seu campo de visão, bracejou até a margem e saiu da água para acocorar-se, olhando maliciosamente em seu torno sobre um pedestal dourado entalhado na parede ao fundo.

Avenidas de uma noite sem fim pareciam espalhar-se em todas as direções, a ponto de se poder imaginar que aqui se encontrava a raiz de um contágio destinado a adoecer e engolir as cidades e engolfar nações inteiras no fedor de uma pestilência híbrida. Por aqui o pecado cósmico havia entrado e apodrecido, e por meio de rituais profanos começara a marcha esmagadora que iria nos apodrecer a todos até nos tornarmos anormalidades cheias de fungos e hediondas demais para merecermos um túmulo. O Satã mantinha a sua corte babilônica nesse lugar, e no sangue da infância imaculada os membros leprosos da Lilith fosforescente eram lavados. Íncubos e súcubos uivavam louvores para Hécate, e retardados sem cabeça balbuciavam coisas para a Magna Mãe. Bodes saltavam ao som de flautas finas amaldiçoadas e Aegyptans perseguiam incessantemente os faunos sobre as rochas que se retorciam como sapos inchados; pois nessa quintessência de toda a danação eterna, os limites da consciência foram deixados e a imaginação do homem abria-se para visões de todo o domínio do horror e dimensão proibida que o mal tinha o poder de moldar. O mundo e a natureza eram impotentes contra tais assaltos dos remoinhos escancarados da noite, tampouco qualquer gesto ou reza poderia controlar a orgia de Valpúrgis de horror que acontecera quando um erudito com uma chave odiosa encontrara ao acaso uma horda com uma arca trancada e transbordante de conhecimento demoníaco.

De repente um raio de luz trespassou aqueles fantasmas, e Malone ouviu o som de remos em meio às blasfêmias dos seres que deveriam estar mortos. Um bote com uma lanterna na proa entrou velozmente no seu campo de visão, amarrou-se à uma argola de

ferro nos molhes escorregadios de pedras e expeliu para fora vários homens de compleição escura carregando um fardo longo e enrolado em roupas de cama. Eles o levaram até o ser nu fosforescente sobre o pedestal de ouro entalhado, e este deu um riso abafado e manuseou sem jeito as roupas de cama. Então eles o desenfaixaram e colocaram de pé diante do pedestal o corpo gangrenoso de um velho corpulento, com uma barba hirsuta e o cabelo branco despenteado. O ser fosforescente riu contido outra vez e os homens tiraram garrafas dos bolsos e ungiram os pés dele com vermelho, para em seguida estendê-las para que bebesse delas.

Então de repente, vindo de uma galeria que parecia não ter fim, ouviu-se a algazarra e o chiado demoníacos de um órgão blasfemo, engasgando e trovejando as zombarias do inferno num tom baixo, desafinado e sarcástico. Num instante todas as entidades que se moviam estavam eletrizadas e formaram uma procissão cerimoniosa, e essa horda saída de um pesadelo afastou-se deslizando em busca do som – bodes, sátiros e Aegyptans, íncubos, súcubos e lêmures, sapos deformados e seres rudimentares disformes, macacos com caras de cachorro uivando e exibicionistas em silêncio na escuridão –, todos liderados pelo ser fosforescente nu e abominável que estava acororado no trono de ouro entalhado e que agora caminhava a passos largos com insolência, trazendo nos braços o corpo com os olhos vítreos do velho corpulento. Os homens escuros estranhos dançavam na retaguarda e toda a coluna andava lépida e saltitante com uma fúria dionisíaca. Malone seguiu-os cambaleando por alguns passos, delirante e confuso, e duvidando do seu papel nesse ou em qualquer mundo. Então voltou-se, tropeçou e desabou sobre a pedra fria e úmida, respirando ofegante e tremendo enquanto o órgão demoníaco seguia no seu lamento, e os uivos, o bater dos tambores e o tilintar da procissão enlouquecida ficavam cada vez mais fracos.

Ele estava vagamente consciente dos salmos terríveis sendo cantados e dos lamentos abafados bem distantes. De vez em quando um lamento ou um gemido de devoção cerimonial chegavam até ele pela galeria escura, enquanto o terrível salmodiar cabalístico grego, cujo texto ele lera acima do púlpito da igreja, eventualmente

se destacava mais alto.

Ó amigo e companheiro da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães (nesse instante irrompeu um uivo medonho) e o sangue derramado (aqui sons indizíveis rivalizaram com guinchos mórbidos), que vagas em meio às sombras das tumbas (então ouviu-se um suspiro sibilante) e desejas ardentemente o sangue, levando o terror aos mortais (gritos curtos e nítidos de uma miríade de gargantas), Gorgo (repetido como resposta), Mormo (repetido com êxtase), lua de mil faces (suspiros e notas de flautas), olha com carinho os nossos sacrifícios!

Quando o salmodiar terminou, ergueu-se uma exclamação geral e sons sibilantes quase abafaram o lamento do órgão baixo desafinado. Então um grito abafado como se de muitas gargantas e uma babel de palavras vociferadas e berradas – Lilith, Grande Lilith, veja o noivo! – Mais gritos, um alarido de tumulto e os passos ritmados e nítidos de uma figura correndo. Os passos aproximaram-se e Malone levantou apoiando-se no cotovelo para ver.

A luminosidade da cripta, reduzida a pouco, agora havia aumentado, e naquela luz diabólica apareceu a forma fugaz daquele que não deveria escapar, sentir ou respirar – o corpo gangrenado de olhos vítreos do velho corpulento, agora sem precisar de apoio, mas animado por alguma feitiçaria infernal do rito recém-terminado. Atrás dele corria nu o ser fosforescente, rindo abafado, ele que pertencia ao pedestal entalhado, e mais atrás ainda corriam ofegantes os homens escuros e toda a turba terrível de repugnância consciente. O corpo ganhava terreno dos seus perseguidores e parecia decidido em busca de um objeto definido, lutando com cada músculo apodrecido em direção ao pedestal de ouro entalhado, cuja importância necromântica era evidentemente tão grande. Mais um instante e ele alcançaria a sua meta, enquanto a turba que o seguia lutava numa velocidade mais frenética. Mas eles chegaram tarde demais, pois, num último esforço que rompeu de tendão a tendão e lançou sua massa fétida debatendo-se ao chão num estado de decomposição gelatinosa, o corpo imóvel que fora Robert Suydam

alcançara seu objeto e seu triunfo. O esforço fora tremendo, mas sua força não o deixara até o fim; e quando ele desabou numa pústula embarrada de decomposição, o pedestal que ele empurrara oscilou, inclinou-se e por fim emborcou da sua base de ônix para dentro das águas oleosas, projetando para cima um brilho de despedida do ouro entalhado enquanto afundava pesadamente em direção aos abismos inimagináveis do Tártaro mais abaixo. Naquele instante, também, toda a cena de horror desapareceu diante dos olhos de Malone; e ele desmaiou em meio ao estrondo ensurdecido que parecia apagar todo esse universo do mal.

VII

O sonho de Malone, vivenciado completamente antes de ele saber da morte de Suydam e seu traslado do mar, por curiosidade foi complementado por algumas realidades estranhas do caso; apesar de que isso não seria uma razão para que alguém devesse acreditar nele. As três casas velhas em Parker Place, sem dúvida alguma há muito tempo apodrecidas na sua decadência mais traiçoeira, desabaram sem qualquer causa visível enquanto metade dos policiais na batida e a maioria dos prisioneiros estavam dentro; e a maior parte foi morta instantaneamente. Apenas nos subsolos e nos porões muitas vidas foram poupadas, e Malone teve sorte de estar bem abaixo da casa de Robert Suydam. Pois ele realmente estava lá, como ninguém está disposto a negar. Eles o encontraram inconsciente junto a uma poça escura com uma mistura grotesca horrível de podridão e ossos, identificada pela arcada dentária como sendo o corpo de Suydam, alguns metros adiante. O caso era simples, pois era para cá que o canal subterrâneo dos contrabandistas levava; e os homens que tiraram Suydam do navio o trouxeram para casa. Eles próprios nunca foram achados, ou pelo menos nunca foram identificados. Já o médico do navio não ficou satisfeito com as convicções simplórias da polícia.

Suydam era evidentemente um dos líderes dessas grandes operações de contrabando de pessoas, pois o canal para a sua casa era apenas um de vários canais e túneis subterrâneos no bairro.

Havia um túnel partindo da sua casa para a cripta abaixo da igreja; uma cripta acessível a partir da igreja somente através de uma passagem estreita secreta na parede norte e em cujos aposentos algumas coisas extraordinárias e terríveis foram descobertas. O órgão desafinado estava lá, assim como uma enorme capela em arco com bancos de madeira e um estranho altar. As paredes tinham uma série de celas pequenas, dezessete delas ocupadas – algo hediondo de se descrever – e com prisioneiros solitários num estado de completa idiotia, acorrentados, inclusive quatro mães com crianças com uma aparência terrivelmente estranha. Essas crianças morreram logo após sua exposição à luz; uma circunstância que os médicos acharam um tanto misericordiosa. Ninguém, a não ser Malone, entre aqueles que as examinaram, lembrou da pergunta lúgubre do velho Delrio: *“An sint unquam daemones incubi et succubae, et an ex tali congressu proles enascia quea?”*.^[4]

Antes de canais serem cheios de terra, eles foram cuidadosamente dragados e produziram uma gama sensacional de ossos serrados e partidos de todos os tamanhos. A epidemia de sequestros sem dúvida havia sido seguida até o seu ponto de origem; apesar de só dois dos prisioneiros sobreviventes terem sido legalmente vinculados a ela. Esses homens estão na prisão agora, visto que não conseguiram se livrar da condenação por cumplicidade nos assassinatos que ocorreram. O pedestal de ouro entalhado, ou trono, tantas vezes mencionado por Malone como sendo de uma importância oculta fundamental, nunca foi descoberto, embora num local embaixo da casa de Suydam tenha sido observado que o canal caía num poço profundo demais para ser dragado. Ele estava entupido na abertura e foi cimentado quando os porões das casas novas foram construídos, mas Malone especula muitas vezes sobre o que se encontra abaixo dele. Satisfeita por ter acabado com uma gangue perigosa de maníacos e contrabandistas, a polícia passou os curdos absolvidos para as autoridades federais, que antes da sua deportação foram conclusivamente descobertos como pertencendo ao clã yezidi de adoradores do diabo. O cargueiro e sua tripulação permanecem um mistério indefinível, apesar de os detetives cínicos estarem novamente prontos para combater os empreendimentos

ilegais e de contrabando de bebidas. Malone acha que esses detetives demonstram uma perspectiva tristemente limitada na sua falta de espanto diante da miríade inexplicável de detalhes e da obscuridade sugestiva de todo o caso; embora ele também seja crítico da mesma forma em relação aos jornais, que viram somente uma sensação mórbida e tripudiaram sobre um culto de sádicos menor, o qual poderiam ter proclamado como sendo um horror vindo do próprio coração do universo. Mas ele estava contente em descansar em silêncio em Chepachet, acalmando o sistema nervoso e rezando para que o tempo pudesse gradualmente transferir a sua experiência terrível do campo da realidade presente para outro remoto, pitoresco e semimítico.

Robert Suydam descansa ao lado da sua noiva no cemitério de Greenwood. Nenhum funeral foi feito para os ossos estranhamente liberados, e os parentes são agradecidos pelo esquecimento rápido que assumiu o caso como um todo. A ligação do erudito com os horrores de Red Hook nunca foi realmente cercada de provas legais, já que a sua morte impediu o inquérito que ele teria enfrentado de outra forma. O seu próprio fim não é muito mencionado, e os Suydams esperam que a posteridade possa lembrar dele como um recluso simpático que se dedicava ao estudo inofensivo da mágica e do folclore.

Quanto a Red Hook – ele segue o mesmo. Suydam chegou e partiu; o terror reuniu-se e sumiu; mas o espírito diabólico da escuridão e da esqualidez segue incubando em meio aos mestiços nas casas velhas de tijolos e nos bandos que desfilam a esmo em missões desconhecidas, passando por janelas onde as luzes e rostos virados aparecem e desaparecem de forma enigmática. O horror de eras passadas é uma hidra com mil cabeças, e os cultos da escuridão estão enraizados em blasfêmias mais profundas do que o poço de Demócrito. A alma da besta é onipresente e triunfante, e as legiões de jovens com olhos turvos e rostos marcados pela varíola de Red Hook ainda cantam, vociferam e falam palavrões enquanto marcham de abismo para abismo, ninguém sabe por que razão ou para onde, empurrados por leis cegas da biologia que eles talvez nunca entenderão. Assim como antes, mais pessoas entram em Red

Hook do que saem por terra, e já existem rumores de que canais novos estão correndo no subterrâneo para determinados centros de tráfico de bebidas e coisas menos mencionáveis.

A igreja é agora na maior parte do tempo um salão de bailes e rostos estranhos apareceram à noite nas suas janelas. Ultimamente policiais disseram acreditar que a cripta que havia sido soterrada fora cavada outra vez e sem uma finalidade explicável. Quem somos nós para combater venenos mais antigos que a história e a humanidade? Macacos dançavam na Ásia para esses horrores e esse câncer se espalha furtivamente protegido pela dissimulação oculta nas fileiras de tijolos decadentes.

Malone não sente arrepios sem motivo – pois há apenas alguns dias um policial ouviu por acaso uma velha megera de olhos puxados ensinando algo para uma criança pequena num dialeto sussurrado no corredor entre dois prédios. Ele prestou atenção e achou muito estranho quando a ouviu repetir os versos várias vezes.

“Ó amigo e companheiro da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães e o sangue derramado, que vagas em meio às sombras das tumbas e desejas ardentemente o sangue, levando o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, olha com carinho os nossos sacrifícios!”

[1] Aubrey Beardsley (1872-1898), ilustrador e autor inglês. (N.T.)

[2] Paul Gustave Doré (1832-1883), artista, gravador e ilustrador francês. (N.T.)

[3] Relativo à obra do escritor inglês Charles Dickens (1812-1870).

[4] “Será possível estar uma vez com demônios, íncubos e súcubos, e a partir de tal união gerar uma prole?”. Em latim no original. Citação do teólogo jesuíta Martin Antonio Delrio (1551-1608). (N.E.)

ELE

Eu o vi numa noite insone quando caminhava desesperadamente para salvar a minha alma e a capacidade de fantasiar. A ida para Nova York havia sido um erro; pois ao passo que eu procurara emoção e inspiração nos labirintos numerosos de ruas antigas, que dão voltas infinitas em becos, praças e zonas portuárias esquecidas em direção a becos, praças e zonas portuárias igualmente esquecidas, e nas torres e arranha-céus modernos gigantescos que se erguem como uma Babilônia escurecida sob luas minguantes, eu encontrara, em vez disso, somente um sentimento de horror e opressão que ameaçava me dominar, paralisar e aniquilar.

A desilusão havia sido gradual. Chegando pela primeira vez na cidade, eu a vira no pôr do sol a partir de uma ponte. Imponente sobre as águas, seus picos e pirâmides incríveis erguiam-se como uma floração delicada sobre uma névoa violeta para brincar com as nuvens flamejantes e as primeiras estrelas da noite. Então janela a janela foi sendo acesa acima das correntes difusas onde as claraboias ondulavam deslizando e os silvos penetrantes ressoavam longamente, e a própria cidade tornou-se um firmamento cintilante de sonho, fragrante de músicas graciosas e com as maravilhas de Carcassonne, Samarcand e El Dorado e todas as cidades magníficas e mitológicas. Logo em seguida fui levado por aquelas ruas antigas tão queridas para minha imaginação – vielas e caminhos estreitos e curvos, onde fileiras de casas de tijolo vermelho georgiano tremeluziam com suas pequenas águas-furtadas acima das portas encimadas por colunas e que haviam sido espectadoras de sedãs dourados e coches envidraçados em outras épocas – e no primeiro entusiasmo da realização dessas coisas que há tanto tempo eu queria ver, pensei que tinha realmente alcançado os tesouros que me fariam um poeta com o tempo.

Mas o sucesso e a felicidade não eram para acontecer. A luz brilhante do dia mostrou somente imundície, estranheza e a elefantíase doentia da pedra que subia e se espalhava onde a lua

insinuara encanto e magia antiga; e as multidões de pessoas que fervilhavam por ruas que as escoavam como se fossem calhas eram estranhos atarracados e de compleição escura, com rostos endurecidos e olhos estreitos, estranhos tiranos sem sonhos e sem qualquer afinidade com as cenas a sua volta, que nunca poderiam significar algo para um homem de olhos azuis da raça antiga, que trazia o amor das alamedas verdes espaçosas e dos campanários brancos dos vilarejos da Nova Inglaterra no seu coração.

Então, em vez dos poemas que eu desejara, sobreveio apenas uma escuridão arrepiante e uma solidão inexprimível; e vi por fim uma verdade terrível que ninguém tivera ainda a coragem de sussurrar antes – o segredo dos segredos inconfessável –, o fato de que essa cidade de pedra e ruídos ásperos não é uma perpetuação consciente da Velha Nova York como Londres é da Velha Londres e Paris da Velha Paris, mas que ela está na realidade bem morta, seu corpo se esparramando malconservado e infestado de seres estranhos animados que não têm nada a ver com a cidade como ela foi em vida. Ao fazer essa descoberta deixei de dormir bem, apesar de algo próximo de uma tranquilidade resignada ter voltado quando gradualmente criei o hábito de manter-me distante das ruas durante o dia, arriscando-me para fora apenas de noite, quando a escuridão suscita aquele pouco do passado que ainda paira à sua volta como um fantasma e as portas brancas e antigas lembram as figuras resolutas que outrora passaram por elas. Com essa saída como consolo, até escrevi alguns poemas e ainda me absteve de voltar à casa da minha família, o que poderia parecer um retorno ignóbil, arrastando-me derrotado.

Então uma noite, numa caminhada insone, encontrei o homem. Foi num pátio bizarro escondido do bairro de Greenwich, pois fora lá que me estabelecera na minha ignorância, tendo ouvido falar do lugar como a morada natural de poetas e artistas. As ruas e casas antigas e os cantos inesperados de praças e becos haviam realmente me encantado, e quando descobri que os poetas e artistas não passavam de embusteiros que falavam alto, com uma originalidade barata, e cujas vidas eram uma negação de toda a beleza pura que é a poesia e a arte, permaneci no bairro pelo amor por essas coisas

veneráveis. Eu o imaginava quando estava no seu auge, quando Greenwich era um bairro tranquilo que não fora ainda tragado pela cidade; e nas horas antes do amanhecer, quando todos os farristas haviam se retirado furtivamente, eu costumava passear sozinho em meio às suas sinuosidades enigmáticas e meditar sobre os mistérios singulares que gerações deviam ter depositado ali. Isso manteve minha alma viva e me proporcionou alguns daqueles sonhos e visões que o poeta dentro de mim ansiava.

O homem aproximou-se em torno das duas da manhã de uma madrugada nublada de agosto, quando eu perambulava por uma série de pátios desconexos entre si, acessíveis agora somente por corredores, sem iluminação, de prédios interpostos, mas outrora formando as partes de uma rede contínua de vielas pitorescas. Eu ouvira falar delas por meio de rumores vagos e refleti que não poderiam estar em nenhum mapa de hoje em dia, mas o fato de serem esquecidas apenas as tornou mais queridas para mim, de maneira que as procurei com duas vezes minha animação normal. Agora que as encontrara, essa animação fora mais uma vez redobrada, pois algo na sua disposição insinuava de modo obscuro que talvez restassem apenas algumas vielas assim, escuras e silenciosas, encravadas sombriamente entre muros altos inexpressivos e os fundos de cortiços, ou ocultas sem uma luz atrás de passagens, sem serem traídas pelas hordas falando línguas estrangeiras e guardadas por artistas furtivos e pouco comunicativos cujos costumes não convidam à publicidade ou à luz do dia.

Ele falou comigo sem ser convidado, observando meu humor e meus olhares enquanto eu estudava algumas portas gastas acima dos seus degraus com corrimãos de ferro e sob o brilho lívido das suas bandeiras, que iluminavam debilmente o meu rosto. Seu próprio rosto estava na sombra, e ele usava um chapéu com abas largas que de alguma forma combinava perfeitamente com a capa fora de época que vestia; mas eu me sentia sutilmente perturbado mesmo antes de ele se dirigir a mim. Sua figura era bastante franzina, magra ao ponto de ser cadavérica, e sua voz provou-se incrivelmente suave e cavernosa, apesar de não ser particularmente grave. Ele disse que havia me observado várias vezes em meus

passeios e supôs que eu era como ele no que dizia respeito ao amor que nutria pelos vestígios dos anos passados. E perguntou se eu não apreciaria a orientação de uma pessoa bastante experiente nessas explorações e possuidora de informações locais muito mais profundas do que quaisquer outras que um óbvio recém-chegado poderia ter conseguido.

Enquanto ele falava, vi seu rosto de relance no feixe amarelo da janela solitária de um sótão. Era um rosto nobre, belo até, com um semblante idoso, e trazia os traços de uma linhagem e refinamento fora do comum para a época e o lugar. No entanto, algum atributo a respeito disso me incomodava quase tanto quanto seus traços me agradavam – talvez ele fosse branco demais, ou inexpressivo demais, ou excessivamente em desarmonia com o espaço à sua volta para que me sentisse à vontade ou confortável. Mesmo assim o segui, pois naqueles dias melancólicos minha busca pela beleza antiga e pelo mistério era tudo o que eu tinha para manter minha alma viva, e considerei um raro favor do Destino encontrar uma pessoa cujas buscas afins pareciam ter chegado tão mais longe do que as minhas.

Algo na noite levou o homem encapado a ficar em silêncio, e por uma longa hora me guiou adiante sem palavras desnecessárias, fazendo apenas os comentários mais breves possíveis com relação a nomes, datas antigas e mudanças. Ele dirigia meu progresso em grande parte por gestos, enquanto nos enfiávamos por fendas, seguíamos nas pontas dos pés por corredores, subíamos com dificuldade muros de tijolos e uma vez arrastando-nos apertados sobre as mãos e os joelhos por uma galeria em arco de pedra e cujo cumprimento imenso e curvas tortuosas apagaram por fim qualquer pista de uma localização geográfica que eu pudesse ter preservado. As coisas que víamos eram muito antigas e magníficas, ou pelo menos assim pareciam sob os poucos raios de luz esporádicos com os quais as admirávamos, e nunca vou esquecer as colunas jônicas em ruínas, as pilastras suaves e os mourões de ferro com suas extremidades em forma de vaso, as janelas com lintéis brilhantes e as bandeiras decorativas que pareciam tornar-se mais exóticas e

estranhas quanto mais nós avançávamos nesse labirinto inexaurível de uma antiguidade desconhecida.

Não vimos ninguém, e à medida que o tempo passava, as janelas iluminadas tornaram-se mais e mais raras. As luzes das ruas a princípio queimavam com óleo e eram do padrão antigo na forma de um losango. Mais tarde observei algumas com velas, e por fim não havia iluminação alguma. Chegando num beco horrível, meu guia teve de me dirigir com sua mão enluvada através da escuridão total até um portão de madeira estreito num muro alto. Passando por ele, estávamos num trecho de uma viela iluminada somente por lanternas na frente de cada sétima casa – lanternas de lata incrivelmente coloniais com topos cônicos e buracos furados nos lados. Essa viela seguia numa subida íngreme – mais íngreme do que pensei ser possível nessa parte de Nova York – e sua extremidade de cima estava bloqueada completamente pelo muro tomado de heras de uma propriedade privada, além da qual eu podia ver uma abóbada descorada e as copas de árvores agitando-se contra uma claridade vaga no céu. Nesse muro havia um portão baixo de carvalho negro pregado com tachos, ao qual o homem se dirigiu para destrancar com uma chave pesada. Seguindo à minha frente, ele traçou um curso na escuridão absoluta sobre o que parecia ser um caminho de cascalhos e, finalmente, subindo um lance de degraus de pedra até a porta da casa, destrancou-a e abriu-a para mim.

Ao entrarmos fiquei tonto com o cheiro forte de um mofo infinito que jorrou ao nosso encontro e que devia ser fruto de séculos insalubres de decomposição. Meu anfitrião parece não ter percebido isso, e por educação mantive o silêncio enquanto ele me guiava por uma escada em curva, através de um corredor e para uma sala cuja porta o ouvi trancar atrás de nós. Então vi que abria as cortinas das três janelas com vidraças pequenas que mal apareciam contra o céu que clareava; em seguida cruzou a sala até o consolo da lareira, riscou uma pedra de fogo, acendeu duas velas de um candelabro de doze castiçais e gesticulou recomendando que falássemos baixo.

Nesse brilho débil vi que estávamos numa biblioteca espaçosa, bem mobiliada e revestida de madeira, datando dos primeiros 25

anos do século XVIII, com frontões triangulares esplêndidos, uma cornija dórica encantadora e um ornamento magnífico entalhado com arabescos sobre o consolo da lareira. Acima das prateleiras cheias, em intervalos seguindo as paredes, viam-se retratos de família bastante gastos, todos manchados até uma obscuridade enigmática e trazendo uma semelhança inequívoca com o homem que agora me indicava uma cadeira atrás de uma mesa Chippendale encantadora. Antes de sentar-se do outro lado da mesa, meu anfitrião parou por um momento como se envergonhado, então, devagar retirou as luvas, o chapéu de abas largas e a capa, parando teatralmente exposto com os trajes de meados do período georgiano, desde o cabelo com tranças, passando pelo colarinho ondulado, as bermudas, as meias de seda e os sapatos com fivelas que eu não tinha observado antes. Agora sentando com vagar na cadeira com encosto de lira, passou a me encarar com atenção.

Sem o chapéu ele assumiu a aparência de uma idade incrível que mal era visível antes e me perguntei se essa marca despercebida de longevidade singular não era uma das fontes da minha inquietação. Quando por fim falou, sua voz suave, cavernosa e cuidadosamente contida várias vezes soava trêmula, e uma vez ou outra tive muita dificuldade em acompanhá-lo enquanto o ouvia com um frêmito de espanto e cada vez mais abalado de uma maneira que desconhecia.

– O cavalheiro está olhando para um homem de hábitos muito excêntricos, por cujos trajes não é preciso dar desculpa alguma para uma pessoa da sua inteligência e interesses. Considerando tempos melhores, não hesitei em apurar os seus costumes e adotar suas roupas e modos, uma indulgência que não ofende a ninguém se praticada sem ostentação. Tem sido minha boa fortuna manter a sede rural dos meus ancestrais, apesar de ter sido tragada por duas cidades, primeiro Greenwich, que seguiu até esse ponto depois de 1800, então Nova York, que se ligou a ela perto de 1830. Havia muitas razões para manter este lugar junto da minha família, e não tenho sido negligente em me eximir de tais obrigações. O fidalgo que a herdou em 1768 estudou determinadas artes e fez certas descobertas, todas ligadas a influências que se encontram neste

pedaço de terra em particular e eminentemente merecedoras da vigilância mais cerrada. Alguns efeitos interessantes dessas artes e descobertas eu tenho a intenção de mostrá-los, sob o sigilo mais estrito, e creio que posso confiar no meu julgamento dos homens o suficiente para não desconfiar nem do seu interesse, nem da sua lealdade.

Ele fez uma pausa, mas eu só conseguia concordar com a cabeça. Já disse que estava assustado, mas para minha alma, entretanto, nada era mais mortal do que o mundo material da luz do dia de Nova York, e se esse homem era um excêntrico inofensivo ou um praticante de artes perigosas, eu não tinha escolha a não ser segui-lo e saciar meu sentimento de assombro sobre o que quer que ele tivesse a oferecer. Então o ouvi.

– Em meu antepassado – continuou com suavidade – pareciam estar presentes algumas qualidades realmente extraordinárias na força de vontade da humanidade; qualidades que têm um domínio pouco percebido não apenas sobre os atos de uma pessoa e de outros, mas sobre toda sorte de forças e substâncias na natureza e sobre muitos elementos e dimensões considerados mais universais que a própria natureza. Será que eu poderia dizer que ele zombava da santidade de coisas tão grandes quanto o espaço e o tempo e que usou de maneiras estranhas os ritos de certos índios peles-vermelhas mestiços que outrora acampavam neste morro? Esses índios ficaram coléricos quando a casa foi construída e foram desagradáveis e irritantes pedindo para visitar suas terras na lua cheia. Por anos eles entraram furtivamente pelo muro, e a cada mês, quando conseguiam, faziam certos rituais na calada da noite. Então, em 68, o novo fidalgo os pegou com a mão na massa e ficou calado a observá-los. A partir daí negociou com eles e trocou o livre acesso para suas terras pelo conhecimento íntimo e preciso do que eles faziam, descobrindo que os antepassados deles tinham aprendido parte desse costume dos seus ancestrais peles-vermelhas e parte de um velho holandês da época da *States-General*.^[1] E maldito seja, mas temo que o fidalgo ofereceu a eles um rum envenenado terrível – não sei se de propósito –, pois uma semana depois de aprender o segredo, ele era o único homem vivo que o sabia. O senhor,

cavalheiro, é a primeira pessoa de fora que ouviu falar da existência desse segredo, e que um raio me parta se eu teria arriscado mexer com tanto – com os poderes – se o senhor não fosse tão interessado pelas coisas do passado.

Senti um calafrio à medida que o homem ficava mais à vontade e falava com o tom familiar de dias passados. Ele seguiu em frente.

– Mas o senhor deve saber, cavalheiro, que o costume que o fidalgo aprendeu daqueles selvagens vira-latas foi apenas uma pequena parte do conhecimento que ele veio a ter. Ele não esteve em Oxford por nada, tampouco conversou por razão alguma com um químico e astrólogo antigo em Paris. Ele compreendeu, em suma, que o mundo não passa da fumaça dos nossos intelectos, além do alcance das pessoas vulgares, mas para os sábios tirarem baforadas e tragarem como o melhor tabaco da Virgínia. O que quisermos, podemos fazer à nossa volta, e o que não quisermos, podemos varrer para longe. Não vou dizer que tudo isso é completamente verdadeiro enquanto matéria, mas é verdadeiro o suficiente para proporcionar um espetáculo bastante interessante de vez em quando. O senhor, penso eu, ficaria encantado com uma visão melhor de determinados anos do que a sua imaginação consegue lhe propiciar; portanto, por favor, contenha qualquer temor diante do que pretendo lhe mostrar. Venha até a janela e fique em silêncio.

Meu anfitrião me levou pela mão até uma das duas janelas na parede maior da sala fétida. Enregelei ao primeiro toque dos seus dedos sem luvas; sua pele, apesar de seca e firme, tinha a qualidade do gelo, e quase me esquivei do braço que me puxava. Entretanto, mais uma vez pensei no vazio e no horror da realidade, e corajosamente me preparei para segui-lo aonde quer que fosse levado. Uma vez junto à janela, o homem abriu as cortinas de seda amarela e dirigiu meu olhar para a escuridão na rua. Por um momento não vi nada, a não ser uma miríade de luzes minúsculas dançando distantes à minha frente. Então, como se em resposta a um movimento inesperado da sua mão, o clarão de um relâmpago apareceu em cena e olhei para um mar de folhagens exuberantes e despoluídas, e não o mar de telhados que qualquer mente normal esperaria. À minha direita o rio Hudson cintilava travesso, e na

distância mais adiante vi a luz difusa doentia de um vasto pântano salgado com uma constelação de vaga-lumes nervosos. O clarão desapareceu e um sorriso diabólico iluminou o rosto de cera do velho necromante.

– Isso foi antes do meu tempo, antes do tempo do primeiro fidalgo. Vamos tentar de novo.

Eu me sentia sufocado, mais sufocado até que a modernidade odiosa daquela cidade maldita me fizera sentir.

– Meu Deus! – sussurrei. – Você consegue fazer isso para *qualquer época*?

E quando ele concordou, expondo os tocos escuros do que foram um dia caninos amarelados, agarrei-me nas cortinas para evitar cair. Mas ele me firmou com aquela garra terrível, fria como o gelo, e mais uma vez fez seu gesto inesperado.

O relâmpago brilhou outra vez – mas dessa vez sobre uma cena que não era completamente estranha. Era Greenwich, a Greenwich de um passado não tão distante, com um telhado aqui e outro ali, ou uma fileira de casas como as vemos agora, no entanto com alamedas verdes, campos graciosos e terrenos públicos gramados. O pântano ainda brilhava adiante, mas mais distante vi os campanários do que fora então toda a Nova York; as igrejas de Trinity, Saint Paul e Brick prevalecendo sobre as suas irmãs, e uma bruma indistinta de fumaça de madeira pairando sobre o todo. Respirei fundo, nem tanto pela visão em si, mas pelas possibilidades que minha imaginação evocara com assombro.

– Você consegue, ou teria a coragem, de ir longe? – falei espantado e creio que ele compartilhou desse espanto por um segundo, mas o esgar diabólico retornou ao seu rosto.

– Longe? O que eu vi o teria transformado numa estátua de pedra maluca! Para trás, para trás, agora para frente, *para frente*, e olhe você choramingando, seu asno!

E enquanto rosnava a frase num sussurro, ele gesticulou novamente, trazendo para o céu um relâmpago mais ofuscante do que qualquer um dos dois que tinham aparecido antes. Por três segundos inteiros pude ver de relance aquela cena de pandemônio, e naqueles segundos vi uma paisagem que para sempre me

atormentaria em sonhos. Vi um céu repugnante com coisas estranhas que voavam, e abaixo dele uma cidade escura infernal com terraços de pedra gigantescos, pirâmides hereges lançando-se ferozmente em direção à lua e luzes diabólicas queimando de janelas inumeráveis. E enxameando sobre galerias aéreas de forma repulsiva, via as pessoas amarelecidas e de olhos semicerrados daquela cidade, vestindo túnicas laranja e vermelhas horríveis e dançando loucamente com as batidas febris de timbales, a algazarra obscena de crótalos e o lamento maníaco de clarins abafados, cujos toques tristes e contínuos subiam e desciam ondulantes como as ondas de um oceano profanado de betume.

Eu vi essa paisagem, sim, a vi, e ouvi, como se com os ouvidos da mente, a confusão blasfema de dissonâncias que a acompanhavam. Era a realização estridente de todo o horror que aquela cidade-cadáver havia despertado na minha alma, e, esquecendo todos os pedidos para ficar em silêncio, gritei, gritei e gritei enquanto meus nervos cediam e as paredes estremeciam à minha volta.

Então, à medida que o clarão desaparecia, vi que meu anfitrião estava tremendo também; um olhar de medo e abalo apagara por um instante a distorção de raiva de serpente que meus gritos haviam provocado. Ele cambaleou e agarrou-se nas cortinas como eu havia feito antes e meneou a cabeça violentamente, como um animal caçado. Deus sabe que ele tinha razão para isso, pois assim que os ecos dos meus gritos morreram, ouvimos outro som tão diabolicamente sugestivo quanto os primeiros. Apenas minhas emoções entorpecidas me mantiveram são e consciente. Era o rangido furtivo e constante das escadas além da porta trancada, como se uma horda de pés no chão ou calçando peles estivesse subindo; e, por fim, o retinir cuidadoso e intencional do trinco de bronze que brilhava na luz débil das velas. O velho me arranhou, cuspiu através do ar mofado, e vociferou coisas enquanto balançava com a cortina amarela que agarrava.

– A lua cheia, maldito seja, seu... seu cão uivante, você os chamou e eles vieram atrás de mim! Pés com mocassins... homens mortos... Deus os fez desaparecer, seus diabos vermelhos, mas não

fui eu quem envenenou o rum de vocês... e não mantive a sua mágica podre a salvo? Vocês beberam como esponjas, malditos sejam, e ainda assim têm de culpar o fidalgo... vão embora! Larguem esse trinco... não tenho nada para vocês aqui...

Nesse momento três pancadas secas absolutamente deliberadas sacudiram o revestimento de madeira da porta e uma espuma branca juntou-se na boca do mágico desvairado. O seu horror, transformando-se num desespero frio como o aço, deixou ressurgir sua raiva contra mim, e ele cambaleou um passo em direção à mesa sobre cuja extremidade eu me firmava. Com as cortinas ainda presas na mão direita enquanto com a esquerda me arranhava, ele esticou-as ao máximo, fazendo com que finalmente desabassem dos ganchos altos, deixando entrar no quarto o jorro de luz da lua cheia que o céu clareando havia pressagiado. Naqueles feixes esverdeados, as velas quase apagaram e uma nova aparência de decadência esparramou-se sobre a sala e sua atmosfera infecta de almíscar, seus revestimentos de madeira bichada, o chão que cedia e o consolo judiado da lareira, os móveis frágeis e suas cortinas em farrapos. Ela se esparramou sobre o velho também, fosse da mesma fonte ou pelo seu medo e violência, e vi quando ele começou a encarquilhar e enegrecer enquanto se aproximava debilmente e lutava para me despedaçar com garras de abutre. Apenas seus olhos permaneceram inteiros, e eles brilhavam com uma incandescência dilatada e propulsora que crescia enquanto o rosto à sua volta queimava e encolhia.

As batidas se repetiram agora com maior insistência, e dessa vez traziam uma sugestão de metal. A coisa escura que me encarava se tornou apenas uma cabeça com olhos tentando impotentemente se retorcer pelo chão que afundava na minha direção, algumas vezes emitindo expectorações ligeiras e débeis de uma maldade imortal. Nesse instante, golpes rápidos e penetrantes investiram contra os revestimentos apodrecidos, e vi o brilho de um tacaço quando este fendeu a madeira que se despedaçava. Não me mexi, até porque não conseguia, mas observei aturdido quando a porta desabou em pedaços deixando entrar um influxo colossal e disforme de uma substância negra como uma tinta e repleta de olhos brilhantes e

malignos. Ela jorrou grossa, como uma torrente de óleo, quebrando um anteparo apodrecido e virando uma cadeira enquanto se esparramava, e finalmente fluiu para baixo da mesa e através da sala até onde a cabeça enegrecida e seus olhos ainda me olhavam ferozmente. Ela se fechou em volta da cabeça, engolindo-a por completo, e no momento seguinte começou a retroceder, levando consigo seu fardo invisível sem tocar-me e fluindo por aquela porta escura e descendo as escadas fora de vista, que rangeram como antes, embora no sentido inverso.

Por fim o chão cedeu, e escorreguei boquiaberto até o aposento escurecido abaixo, sufocado pelas teias de aranha e quase desfalecendo de terror. A luz esverdeada que brilhava através das janelas quebradas mostrou a porta do corredor entreaberta, e quando levantei do chão salpicado de estuque e me liberei com dificuldade do teto caído, vi passando rapidamente pela porta uma torrente terrível de escuridão com seus incontáveis olhos malignos brilhantes. Ela buscava a entrada para a adega e, quando a encontrou, sumiu naquele lugar. Nesse instante senti o chão desse aposento mais abaixo cedendo como ocorrera antes, e imediatamente um estrondo no alto foi seguido pela passagem na janela a oeste de algo que deve ter sido a abóbada. Agora liberado por um instante dos escombros, cruzei correndo o corredor até a porta da frente e, vendo-me incapaz de abri-la, peguei uma cadeira e quebrei uma janela, escalando freneticamente para fora onde a lua dançava sobre o gramado descuidado com sua grama e ervas altas. O muro era alto e todos os portões estavam trancados, mas pegando uma pilha de caixas de um canto, consegui ganhar o topo e me segurei ao grande vaso de pedra colocado ali.

À minha volta, exausto como estava, só conseguia ver muros e janelas estranhas e telhados velhos à holandesa. A rua íngreme da minha chegada não era visível em lugar algum, e o pouco que vi sucumbiu rapidamente numa névoa que surgiu vinda do rio apesar da luz brilhante do luar. De repente o vaso em que me segurava começou a tremer, como se compartilhando da minha própria vertigem letal, e no instante seguinte meu corpo mergulhava para um destino desconhecido.

O homem que me encontrou disse que eu devo ter me arrastado por um longo caminho, apesar dos meus ossos quebrados, pois uma trilha de sangue se estendia tão longe quanto ele teve coragem de olhar. A chuva que empoçava logo apagou esse elo com a cena da minha provação, e os relatos ouvidos não declararam nada além de que eu tinha aparecido vindo de um lugar desconhecido na entrada de um beco pequeno junto da rua Perry.

Nunca procurei voltar para aqueles labirintos tenebrosos e, se pudesse, tampouco daria as suas direções para qualquer homem sensato. Quem ou o que era aquela criatura, não tenho a menor ideia; mas repito que a cidade está morta e repleta de horrores desconhecidos. Para onde *e/e* foi, não sei, mas voltei para casa e para as alamedas límpidas da Nova Inglaterra que são varridas à noite pelas brisas deliciosas do mar.

[1] *States-General* é o parlamento holandês. Reuniu delegados de estados provinciais pela primeira vez em 9 de janeiro de 1464 sob o reinado de Felipe III, Duque da Borgonha. (N.T.)

A TUMBA

Ao narrar as circunstâncias que levaram ao meu confinamento dentro deste asilo para loucos, tenho consciência de que minha situação atual vai criar uma dúvida natural sobre a autenticidade desta narrativa. Trata-se de um fato lamentável que a maior parte da humanidade é demasiadamente limitada na sua visão mental para ponderar com paciência e inteligência aqueles fenômenos isolados vistos e sentidos apenas por uns poucos psicologicamente sensíveis e que se encontram fora da sua experiência comum. Homens com um intelecto mais aberto sabem que não existe uma distinção clara entre o real e o irreal; que todas as coisas se manifestam do seu jeito apenas graças aos delicados canais físicos e mentais por meio dos quais nós nos tornamos conscientes delas; mas o materialismo banal da maioria condena como loucura os lampejos de uma visão extraordinária que consiga penetrar o véu comum do empirismo óbvio.

Meu nome é Jervas Dudley, e desde a infância mais remota tenho sido um sonhador e um visionário. Rico além da necessidade de uma vida profissional e temperamentalmente inapto para os estudos formais e a diversão social das minhas relações, vivi sempre nos domínios à parte do mundo visível, passando minha juventude e adolescência com livros antigos e pouco conhecidos e perambulando pelos campos e bosques da região próxima da casa dos meus ancestrais. Não creio que o que li nesses livros e vi naqueles campos e bosques era exatamente o que os outros garotos leram e viram lá, mas sobre isso devo falar pouco, já que um relato pormenorizado só confirmaria as difamações cruéis sobre meu intelecto que ouço algumas vezes ao acaso dos acompanhantes furtivos sussurrando à minha volta. Basta que conte os eventos sem analisar as causas.

Já disse que vivi à parte do mundo visível. Mas não disse que vivi sozinho. Nenhum ser humano pode fazer isso, pois na falta da companhia dos vivos, ele inevitavelmente busca o apoio da companhia de coisas que não são ou não estão mais vivas. Próximo da minha casa há um vale arborizado peculiar em cujos recantos na

penumbra passei a maior parte do tempo lendo, pensando e sonhando. Sobre os seus barrancos cobertos de musgo meus primeiros passos da infância foram dados, e em torno dos seus carvalhos grotescamente nodosos minhas primeiras fantasias de meninice foram criadas. Como passei a conhecer bem as ninfas dos bosques que tomavam conta daquelas árvores e quantas vezes observei suas danças vibrantes sobre os feixes luminosos que se esvaeciam de uma lua minguando... mas sobre essas coisas não devo falar agora. Vou contar apenas da tumba solitária na mata cerrada escura da encosta; a tumba abandonada dos Hydes, uma família antiga e enaltecida cujo último descendente direto foi colocado dentro dos seus nichos muitas décadas antes do meu nascimento.

A câmara mortuária a que me refiro é feita de granito clássico, gasto e descolorado pelas garoas e umidade de gerações. Escavada contra a encosta, a estrutura é visível apenas na entrada. A porta, uma laje de pedra pesada e intimidadora, é presa por dobradiças enferrujadas e encontra-se trancada entreaberta de um jeito estranhamente sinistro, com correntes e cadeados pesados de ferro, seguindo um padrão horripilante de meio século atrás. A residência da família cujos herdeiros estão aqui sepultados um dia coroou o declive que contém a tumba, mas há muito foram vitimados pelas chamas que começaram com a queda de um raio. Da tempestade à meia-noite que destruiu essa mansão melancólica, os moradores mais velhos da região falam algumas vezes com vozes sussurradas e inquietas, insinuando o que eles chamam de "ira divina" de uma maneira que em anos posteriores aumentou vagamente o fascínio sempre forte que eu sentia pela sepultura obscurecida pela mata. Um homem apenas pereceu no fogo. Quando o último dos Hydes foi enterrado nesse lugar de sombra e silêncio, a urna triste cheia de cinzas veio de uma terra distante, para a qual a família havia acorrido quando a mansão queimou. Não resta ninguém para colocar flores diante do portal de granito, e poucos têm a coragem de desafiar as sombras deprimentes que parecem deixar-se ficar estranhamente em torno das pedras gastas pela água.

Nunca vou esquecer a tarde em que encontrei ao acaso pela primeira vez essa casa de morte meio escondida. Era o auge do verão, quando a alquimia da natureza transforma a paisagem silvestre numa massa de verde intenso e quase homogêneo, quando os sentidos são quase inebriados com as ondas repentinas de orvalho das folhagens e os cheiros sutilmente indefiníveis da terra e da vegetação. Em ambientes assim, a mente perde a sua perspectiva, o tempo e o espaço tornam-se insignificantes e irrealis e ecos de um passado pré-histórico perturbam insistentemente a consciência fascinada.

Todo o dia eu perambulava pelos bosques misteriosos do vale, perdido em pensamentos que não devo discutir e conversando com coisas que não preciso nomear. Em anos uma criança de dez, eu vira e ouvira muitas coisas incríveis desconhecidas para a maioria e era peculiarmente amadurecido em determinados aspectos. Quando encontrei repentinamente a entrada da câmara mortuária ao forçar minha passagem entre dois capões de urze-branca, não tinha ideia do que descobrira. Os blocos escuros de granito, a porta tão curiosamente entreaberta e os entalhes fúnebres sobre a abóbada não despertaram em mim associações de um caráter lúgubre ou terrível. De túmulos e tumbas eu sabia e imaginava muito, mas por conta de minha índole singular fora mantido distante de qualquer contato pessoal com adros e cemitérios. A estranha casa de pedra em meio à mata no declive era para mim apenas uma fonte de curiosidade e especulação, e seu interior frio e úmido, para dentro do qual eu espiava em vão através da abertura tão aflitivamente exposta, não continha para mim nenhuma sugestão de morte ou decomposição. Mas naquele instante de curiosidade nasceu o desejo loucamente irracional que me trouxe para este inferno de confinamento. Incitado por uma voz que só pode ter vindo do espírito abominável da floresta, tomei a decisão de adentrar na escuridão que me chamava, apesar das correntes pesadas que barravam minha passagem. Na luz que caía do dia, sacudi alternadamente os obstáculos enferrujados a fim de escancarar a porta de pedra e experimentei espremer meu corpo franzino através do espaço já oferecido, mas nenhum plano teve sucesso. Apenas

curioso num primeiro momento, agora estava desvairado, e enquanto voltava para casa no crepúsculo que se adensava, prometi para os cem deuses do bosque que a qualquer custo algum dia forçaria uma entrada nas profundezas escuras e frias que pareciam me chamar. O médico com a barba grisalho-ruiva que vem todos os dias ao meu quarto disse uma vez para um visitante que essa decisão marcou o princípio de uma lamentável monomania, mas vou deixar um julgamento final para meus leitores quando tiverem tomado conhecimento de tudo.

Os meses que seguiram minha descoberta foram passados em tentativas vãs de forçar o intrincado cadeado da câmara mortuária levemente aberta e investigando de maneira cuidadosamente comedida a natureza e a história da estrutura. Com os ouvidos tradicionalmente receptivos de um garoto pequeno, aprendi muito, apesar de uma reserva costumeira que me levou a não contar a ninguém sobre minhas informações ou decisão. Talvez valha a pena mencionar que eu não estava de forma alguma surpreso ou aterrorizado ao ficar sabendo da natureza da câmara mortuária. Minhas ideias um tanto originais sobre a vida e a morte fizeram com que associasse de uma maneira vaga o corpo morto com o corpo vivo respirando, e sentia que a família grande e sinistra da mansão queimada estava de alguma forma representada dentro daquele lugar de pedra que eu queria explorar. Histórias resmungadas de ritos estranhos e festas pagãs de anos passados na mansão antiga me proporcionavam um interesse renovado e potente sobre a tumba, diante de cuja porta eu sentava por horas seguidas cada dia. Uma vez enfiei uma vela para dentro da entrada quase fechada, mas não consegui ver nada a não ser um lance de degraus de pedra esmaecida que levavam para baixo. O cheiro do lugar repugnou-me, mas, apesar disso, enfeitiçou-me. Eu sentia que já o conhecera antes, num passado remoto além de todas as lembranças, além até do tempo que ocupo o corpo que possuo agora.

Um ano depois de ter contemplado a tumba pela primeira vez, achei por acaso uma tradução carcomida do *Vidas* de Plutarco no sótão lotado de livros da minha casa. Lendo a vida de Teseu fiquei muito impressionado com aquela passagem que falava da pedra

grande, embaixo da qual o herói menino encontraria os indícios apontando seu destino no momento em que fosse velho o suficiente para levantar o seu peso enorme. A lenda teve o efeito de dispersar minha impaciência mais aguda de entrar na câmara mortuária, pois ela me fez sentir que o momento ainda não era oportuno. Mais tarde, disse para mim mesmo, eu chegaria a uma força e inventividade capazes de destrancar com facilidade a porta acorrentada pesadamente, mas até que isso acontecesse eu faria melhor me conformando ao que parecia ser a vontade do Destino.

Dessa maneira, minhas vigílias junto ao portal desagradavelmente úmido tornaram-se menos constantes, e grande parte de meu tempo passei com outras ocupações igualmente estranhas. Algumas vezes levantava no maior silêncio durante a noite e saía furtivamente para caminhar naqueles adros e cemitérios dos quais fora mantido distante por meus pais. O que fiz lá não devo dizer, pois não tenho certeza da realidade de certas coisas, mas sei que, no dia seguinte a um desses passeios noturnos, muitas vezes eu espantava aqueles à minha volta com meu conhecimento sobre tópicos quase esquecidos por muitas gerações. Foi depois de uma noite dessas que choquei a comunidade com a ideia extravagante sobre o enterro do rico e festejado Squire Brewster, um conhecido construtor local que fora sepultado em 1711 e cuja lousa da sepultura, com uma caveira e ossos cruzados entalhados, estava desintegrando-se lentamente. Num momento de imaginação infantil jurei que não apenas o agente funerário Goodman Simpson tinha roubado os sapatos com fivelas de prata, as meias de seda e as roupas de baixo de cetim do falecido antes do enterro, mas também que o próprio Squire, ainda não totalmente inanimado, se revirara duas vezes no caixão coberto por um monte de terra no dia seguinte ao sepultamento.

Mas a ideia de entrar na tumba nunca deixou meus pensamentos, sendo na verdade estimulada pela descoberta genealógica inesperada que meus próprios ancestrais maternos possuíam pelo menos um ligeiro vínculo com a supostamente extinta família dos Hydes. Sendo o último de minha descendência paterna, da mesma forma era o último desta linhagem mais antiga e mais

misteriosa. Comecei a sentir que a tumba era *minha*, e passei a esperar com uma ansiedade fervorosa o momento em que poderia passar por aquela porta de pedra e descer aqueles degraus de pedra viscosos no escuro. Agora eu passara a ter o costume de ouvir com muita atenção junto ao portal ligeiramente aberto, escolhendo minhas horas favoritas de silêncio à meia-noite para a estranha vigília. Quando atingi a maioridade, já tinha aberto uma pequena clareira na mata cerrada junto ao trecho embarrado da encosta, permitindo que a vegetação desse a volta pelos lados e por cima do espaço como as paredes e o telhado de um caramanchão rústico. Esse caramanchão era meu templo, a porta trancada, meu santuário, e aqui eu ficava deitado sobre o chão musgoso pensando coisas esquisitas e sonhando sonhos estranhos.

A noite da primeira revelação foi uma noite mormacenta. Eu devo ter dormido de cansaço, pois foi com um sentimento claro de despertar que ouvi as vozes. Desses tons de voz e sotaques hesito em comentar e da sua essência não vou falar, mas posso dizer que eles apresentavam algumas diferenças incomuns de vocabulário, pronúncia e modo de elocução. Cada nuance do dialeto da Nova Inglaterra, desde as sílabas incultas dos colonos puritanos passando pela retórica precisa de cinquenta anos atrás, pareciam representadas naquela conversação imaginária, apesar de ter sido só mais tarde que observei o fato. Naquele instante, na verdade, minha atenção fora distraída dessa questão por outro fenômeno, um fenômeno tão fugaz que não pude jurar sobre a sua realidade. Eu mal pude acreditar quando acordei e uma *luz* foi apagada com pressa dentro da sepultura abaixo. Não acredito que estava aterrorizado, ou tomado pelo pânico, mas sei que fui completa e permanentemente *mudado* naquela noite. Ao voltar para casa segui com decisão absoluta atrás de um baú que se decompunha no sótão, onde encontrei a chave que no dia seguinte destrancou com facilidade a barreira diante da qual por tanto tempo eu esbravejara em vão.

Foi na luz suave do fim da tarde que entrei pela primeira vez na câmara mortuária da colina abandonada. Um feitiço tomara conta de mim, e meu coração pulava com uma alegria que mal consigo

descrever. Quando fechei a porta e desci os degraus que gotejavam de umidade sob a luz da minha única vela, eu parecia conhecer o caminho, e apesar da vela ter crepitado com a atmosfera infecta e asfíxiante do lugar, senti-me particularmente à vontade no ar mofado e de ossuário. Olhando à minha volta, observei muitos caixões com lousas de mármore, ou os restos de caixões. Alguns estavam fechados e intactos, mas outros quase tinham desaparecido, deixando as alças de prata e as placas isoladas em meio a alguns montes estranhos de pó esbranquiçado. Sobre uma placa li o nome de Sir Geoffrey Hyde, que viera de Sussex em 1640 e morrera aqui alguns anos mais tarde. Num nicho proeminente havia um caixão razoavelmente bem preservado e desocupado, ornamentado com um único nome que me provocou um sorriso e um arrepio. Então um impulso bizarro me fez subir sobre a lousa larga, apagar a vela e me deitar dentro do espaço vazio.

Na luz cinzenta do amanhecer saí trôpego da câmara mortuária e tranquei a corrente da porta atrás de mim. Eu não era mais um jovem, apesar de somente 21 invernos terem gelado o esqueleto de meu corpo. Os aldeões madrugadores que observavam meu avanço de volta para casa me olhavam com estranheza e enchiam-se de espanto com os sinais de folia vulgar que viam em alguém cuja vida era conhecida por ser sóbria e solitária. Só apareci diante dos meus pais após um longo e reparador sono.

Daí em diante passei a visitar a tumba obsessivamente, vendo, ouvindo e fazendo coisas que não devo nunca me lembrar. Minha fala, sempre suscetível a influências do ambiente, foi a primeira coisa a sucumbir à mudança, e o arcaísmo de dicção repentinamente adquirido foi logo observado. Mais tarde uma coragem e irresponsabilidade estranhas apareceram em meu comportamento, até eu passar a possuir inconscientemente a postura de um homem do mundo apesar de uma vida inteira de isolamento. Minha língua outrora calada tornou-se tagarela com a graça tranquila de um homem de Chesterfield, ou com o cinismo pagão de um homem de Rochester. Eu demonstrava uma cultura peculiar completamente distinta da erudição extravagante e monástica que estudara na juventude, e cobria as guardas dos livros com epigramas

descuidados e de improviso que sugeriam diversão e festa com a graça e a jovialidade dos rimadores clássicos. Uma manhã no café cheguei próximo do desastre ao declamar uma canção efusiva de festança com um tom de voz obviamente afetado pela bebida. Ela trazia um pouco da jocosidade georgiana[1] nunca registrada num livro e seguia mais ou menos assim:

*Venham para cá, meus amigos, com seus canecos de cerveja
E vamos beber ao dia antes que ele nos abandone
Abarrotem suas travessas com uma montanha de carne
Pois comer e beber é o que nos traz alívio
Então encham seus copos
Pois a vida vai passar logo
Quando estiverem mortos nunca vão poder brindar ao seu rei ou
às suas garotas!
Anacreonte tinha um nariz vermelho, é o que dizem
Mas o que é um nariz vermelho se você é feliz e se diverte?
Que uma talhadeira me parta ao meio! Prefiro ser vermelho
enquanto estou aqui,
Do que branco como uma flor-de-lis – e morto daqui a meio
ano!
Então Betty, minha garota,
Venha me dar um beijo
No inferno não há uma filha de hospedeiro assim!
O jovem Harry se aprumou como pôde
Logo vai perder a peruca e cair para baixo da mesa
Mas encham seus copos e passem eles adiante,
Melhor debaixo da mesa do que debaixo da terra!
Então divirtam-se e brinquem
E tomem um longo trago
Pois embaixo de dois metros de barro é mais difícil de rir!
O diabo me deixou torto! Mal consigo caminhar,
E maldito seja se consigo ficar de pé ou conversar!
Aqui, patrão, diga para Betty pegar uma cadeira
Eu vou demorar um pouco para chegar em casa, pois minha
mulher não está lá!*

*Então me dê uma mão
Pois não consigo ficar de pé
Mas estou feliz enquanto seguir em cima da terra!*[\[2\]](#)

Nessa época percebi o medo que sentia do fogo e das tempestades com raios e trovões. Antes indiferente a tais coisas, agora sentia um terror indescritível delas e me retirava para os recantos mais profundos da casa sempre que o céu ameaçava um espetáculo elétrico. Uma obsessão favorita minha durante o dia era a adega em ruínas da mansão queimada, e, fantasiando, via a estrutura como ela fora no seu auge. Numa ocasião surpreendi um aldeão ao levá-lo com confiança até uma adega menor mais abaixo, de cuja existência eu parecia saber apesar de ela não ser vista e lembrada por muitas gerações.

Finalmente chegou o dia que eu temia há tanto tempo. Meus pais, assustados com a conduta e aparência alteradas do filho único, começaram a exercer sobre meus movimentos uma espionagem benévola que ameaçou resultar em desastre. Eu não contara a ninguém sobre as visitas à tumba, tendo guardado minha intenção secreta com um zelo religioso desde a infância, mas agora era forçado a tomar cuidado andando aos zigue-zagues pelos labirintos do vale coberto de bosques na possibilidade de ter de despistar um possível perseguidor. A chave para a câmara mortuária, cuja existência só eu sabia, era mantida presa por um cordão em torno do pescoço. Qualquer coisa que encontrasse enquanto estivesse entre as paredes da sepultura nunca era carregada para fora.

Uma manhã, quando saía da tumba úmida e prendia a corrente do portal com a mão um tanto trêmula, observei na mata contígua o rosto temível de um vigia. Certamente o fim estava próximo, pois meu caramanchão fora descoberto e o objetivo das minhas incursões noturnas, revelado. O homem não me abordou, então voltei às pressas num esforço de ouvir o que ele poderia relatar para meu pai aflito. Será que minhas visitas além da porta acorrentada estariam prestes a ser proclamadas ao mundo? Imagine minha agradável surpresa ao ouvir o espião informar a meu pai num sussurro cauteloso *que eu passara a noite no caramanchão fora da tumba,*

com os olhos semicerrados pelo sono e fixos sobre a fenda onde o portal trancado permanecera entreaberto! Que milagre então havia tapeado o vigia? Eu estava convencido agora que uma intervenção supernatural me protegia. Encorajado por esse incidente caído dos céus, passei a ir abertamente à câmara mortuária, confiante que ninguém testemunharia minha entrada. Por uma semana vivi todas as alegrias daquela sociabilidade sepulcral que não devo descrever. Foi então que aconteceu a *coisa*, e me trouxeram para esta moradia maldita de tristeza e monotonia.

Eu não deveria ter me aventurado na rua naquela noite, pois os sinais de trovoadas estavam nas nuvens e uma fosforescência infernal subia do pântano malcheiroso nos fundos do vale. O chamado dos mortos também era diferente. Em vez da tumba na encosta, era o demônio que governava a adega queimada no cimo da colina que me chamava com dedos invisíveis. Quando saí do bosque no meio do caminho entre a campina e a ruína, contemplei na luz indistinta do luar uma coisa que sempre esperei vagamente. A mansão, desaparecida por um século, uma vez mais se erguia com sua altura imponente para minha visão extasiada, e cada janela cintilava com o esplendor de muitas velas. Subindo o longo caminho de entrada rodavam os coches da alta sociedade de Boston, enquanto a pé vinha uma congregação numerosa de dândis com seus pós de arroz das mansões vizinhas. Juntei-me a essa turma, apesar de saber que devia estar com os anfitriões em vez de com os hóspedes. Dentro da mansão havia música, risadas e uma taça de vinho em cada mão. Reconheci vários rostos, mas eu os teria reconhecido melhor se estivessem ressecados ou carcomidos pela morte e a decomposição. Em meio a essa turma animada e inconsequente eu era o mais maluco e devasso. Blasfêmias divertidas jorravam em torrentes dos meus lábios, e, em gracejos chocantes, eu desconsiderava qualquer lei de Deus ou da natureza.

De repente, o estrondo de um raio ressoou acima da algazarra da folia, rachando o telhado e estabelecendo um silêncio temeroso sobre a festa turbulenta. Labaredas de chamas e rajadas incandescentes de calor engolfaram a casa e os foliões. Aterrorizados com o assalto de uma calamidade que parecia

transcender os limites da natureza sem controle, todos fugiram gritando noite afora. Permaneci sozinho, preso ao meu assento por um medo rastejante que nunca sentira antes. E então um segundo terror tomou conta da minha alma. Queimado vivo até virar cinzas, com meu corpo espalhado pelos quatro ventos, *talvez eu nunca fosse sepultado na tumba dos Hydes!* Meu caixão não estava preparado para mim? Eu não tinha o direito de descansar por toda a eternidade em meio aos descendentes de Sir Geoffrey Hyde? Sim! Eu reivindicaria minha herança de morte, mesmo que minha alma tivesse de procurar ao longo dos tempos por outra morada corpórea para representá-la na lousa desocupada do nicho da câmara mortuária. Jervas Hyde nunca deveria compartilhar do destino triste de um Palinurus![\[3\]](#)

Quando o fantasma da casa queimando desapareceu gradualmente, eu me vi gritando e lutando enlouquecido nos braços de dois homens, um dos quais era o espião que me seguira até a tumba. Uma chuva caía aos cântaros, e ao sul no horizonte apareciam os clarões dos raios que recém haviam passado sobre as nossas cabeças. Com o rosto marcado pela tristeza, meu pai ficou junto enquanto eu gritava pedindo para ser colocado dentro da tumba e repreendeu muitas vezes os homens que me seguravam para que me tratassem da melhor forma possível. Um círculo enegrecido no chão da adega em ruínas indicava um impacto dos céus, e nesse local um grupo de aldeões curiosos com lanternas espreitava uma caixa pequena com um acabamento antigo que o raio havia descoberto.

Parando com minha luta fútil e despropositada, acompanhei os observadores enquanto eles examinavam o tesouro desconhecido e me deixavam compartilhar das suas descobertas. A caixa, cujos ferrolhos estavam quebrados pelo impacto que a havia desenterrado, continha muitos papéis e objetos de valor, mas eu tinha olhos apenas para uma coisa. Era a miniatura em porcelana de um jovem usando uma peruca elegantemente ondulada e trazendo as iniciais "J.H.". A aparência do rosto era tal que quando o olhei com atenção, poderia muito bem estar mirando atentamente um espelho.

No dia seguinte, me trouxeram para este quarto com as janelas gradeadas, mas fui mantido informado de algumas coisas por intermédio de um criado idoso e simplório por quem me apegara na infância e que, assim como eu, adorava o cemitério da igreja. O que tive coragem de contar sobre minhas experiências dentro da câmara mortuária só me trouxe sorrisos de pena. Meu pai, que me visita frequentemente, declara que em nenhum momento passei pelo portal acorrentado, e jura que o cadeado enferrujado não fora tocado há cinquenta anos quando ele o examinou. Ele diz até que todo o vilarejo sabia dos meus passeios para a tumba e que muitas vezes fui observado enquanto dormia no caramanchão do lado de fora da fachada sinistra com meus olhos semiabertos fixos sobre a fenda que leva ao seu interior. Contra essas afirmações não tenho uma prova real para oferecer, visto que minha chave para o cadeado foi perdida na luta naquela noite de horrores. As coisas estranhas do passado que aprendi durante aqueles encontros noturnos com os mortos ele descarta como os frutos de uma vida inteira folheando toda sorte de livros em meio aos volumes antigos da biblioteca da família. Não fosse meu velho criado Hiram, eu já teria a esta altura ficado bastante convencido da minha loucura.

Mas Hiram, leal ao passado, seguiu tendo fé em mim e fez aquilo que me obriga a tornar público pelo menos parte da minha história. Uma semana atrás ele arrombou a tranca que acorrenta a porta da tumba, deixando-a perpetuamente entreaberta, e desceu com uma lanterna para as profundezas sombrias. Sobre uma lousa num nicho ele encontrou um caixão velho e vazio cuja placa manchada traz uma única palavra: *Jervas*. Naquele caixão e naquela câmara mortuária eles me prometeram que serei enterrado.

[1] Relativo aos quatro reis George que reinaram na Grã-Bretanha de 1714 a 1830. (N.T.)

[2] No original em inglês: *Come hither, my lads, with your tankards of ale, / And drink to the present before it shall fail; / Pile each on your platter a mountain of beef, / For'tis eating and drinking that brings us relief; / So fill up your glass, / For life will soon pass; / When you're dead ye'll ne'er drink to your king or your lass! / Anacreon had a red nose, so they say; / But what's a red nose if ye're happy and gay? / Gad split me! I'd rather be red whilst I'm here, / Than white as a lily – and dead half a year! / So Betty, my miss, / Come give a kiss; / In hell there's no innkeeper's daughter like this! / Young Harry, propp'd up just as straight as he's able, / Will soon lose his wig and slip under the table, / But fill up your goblets and pass'em around – / Better under the table than under the ground! / So revel and chaff / As ye thirstily quaff; / Under six feet of dirt'tis less easy to laugh! / The fiend strike me blue! I'm scarce able to walk, / And damn me if I can stand upright or talk! / Here, landlord, bid Betty to summon a chair; / I'll try home for a while, for my wife is not there! / So lend me a hand; / I'm not able to stand, / But I'm gay whilst I linger on top of the land!* (N.T.)

[3] Personagem da mitologia romana que é sacrificado como uma oferta a Netuno e abandonado à morte sem um enterro apropriado. (N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original dos contos: "The Horror at Red Hook"; "He"; "The Tomb"

Os contos deste livro foram publicados na Coleção L&PM Pocket no livro *A tumba* (v. 578)

Tradução: Jorge Ritter

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Shutterstock Images

Revisão: L&PM Editores

Cip-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L947h

Lovecraft, H. P. (Howard Phillips), 1890-1937

Horror em Red Hook e outras histórias / H. P. Lovecraft; tradução de Jorge Ritter. – Porto Alegre: L&PM, 2012.

(Coleção L&PM POCKET; v. 1046)

Tradução de: *The Horror at Red Hook; He; The Tomb*

Conteúdo: O horror em Red Hook; Ele; A tumba

ISBN 978.85.254.2673-4

1. Conto americano. I. Ritter, Jorge. II. Título. III. Título: Ele. IV. Título: A tumba. V. Série.

12-2168. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

© da tradução, L&PM Editores, 2007, 2012

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225-5777 – Fax:
51.3221.5380

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Para mais livros, visite a www.Livrarialivros.com